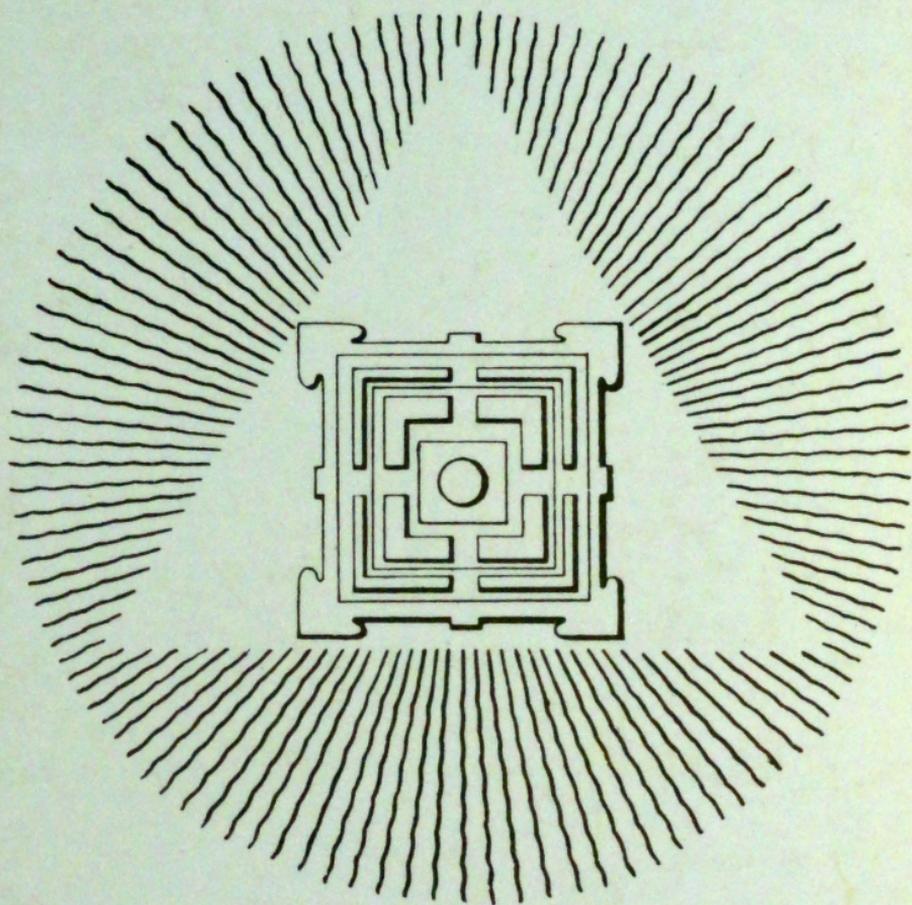


J. VAN RIJCKENBORGH



CHRISTIANOPOLIS

ROSACRUZ ÁUREA

CHRISTIANOPOLIS

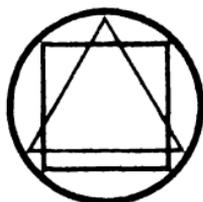
EXPLICAÇÕES DOS SETE CAPÍTULOS DO LIVRO
REIPUBLICAE CHRISTIANOPOLITANAE DESCRIPTIO

de

JEAN VALENTIN ANDREAE

por

JAN VAN RIJCKENBORGH



1a. edição
1985

Uma publicação do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM
Escola Espiritual da Rosacruz Aurea
São Paulo — Brasil

Traduzido da versão francesa :

CHRISTIANOPOLIS

Título do original holandês :

CHRISTIANOPOLIS

ROZEKRUIS-PERS
Bakenessergracht 11-15
Haarlem — Holanda

Todos os direitos, inclusive os de tradução ou reprodução do presente livro, por qualquer sistema, total ou parcial, são reservados à RozeKruis-Pers, Haarlem, Holanda.

REIPUBLICÆ
CHRISTIA-
NOPOLITANÆ
DESCRIPTIO,

PSALM. LXXXIII.

*Præstat dies unus in DEI atrijs quàm alibi mil-
le: malum in DEI mei domo ad lumen esse quàm
in impiorum tabernaculis habitare. Nam
Sol & propugnaculum Iehova DEVS; Iehova
gratiam, gloriamq; confert ijs, qui se gerunt
innocentes, cui bona non denegans.*



ARGENTORATI,
Sumptibus hæredum LAZARI ZETZNERI,

ANNO M. DC. XIX.

P R E F Á C I O

No ano de 1619 apareceu em latim um texto de Johann Valentin Andreae intitulado *Republicae Christianopolitanae Descriptio* (Descrição da República de Cristianópolis). Uma parte dessa obra foi comentada por Jan van Rijckenborgh nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial, nos diferentes serviços templários, para explicar aos alunos da Rosacruz Áurea seu sentido profundo. Como ainda hoje essas alocuções possuem atualidade, julgamos útil publicá-las em português.

Além dos comentários de Jan van Rijckenborgh, esta edição comporta os extratos correspondentes da obra de Andreae. É preciso notar que as alocuções de Jan van Rijckenborgh basearam-se numa tradução inglesa do texto latino de Andreae. A edição francesa, ora traduzida para o português, baseou-se, em parte, na versão inglesa do texto de Andreae, em parte na versão holandesa de Jan van Rijckenborgh.

Possa o leitor concordar em orientar sua vida de maneira a poder também um dia entrar na sua Cristianópolis, sua cidade de Cristo.

Rozekruis Pers

Mais vale um dia nos Teus Átrios do que mil em outro lugar. Prefiro manter-me na soleira da casa de Deus do que habitar debaixo das tendas dos ímpios. Pois o eterno Deus é meu sol e meu baluarte. O Eterno dá a graça e a glória, e não recusa Suas bondades àqueles que andam na inocência.

ÍNDICE

Prefácio	V
I A Ilha de Caphar Salama	1
II A Origem de Cristianópolis	13
III O Exame do neófito quanto ao seu modo de vida e à sua postura moral	27
IV O Exame da personalidade do neófito	39
V O Exame do grau de civilização do neófito ..	49
VI Descrição da Cidade dos Magos	65
VII A Cidade dos Mistérios (I)	75
VIII A Cidade dos Mistérios (II)	85
IX Arquitetura Mágica	95
X Alguns informes precisos sobre a Cidade dos Mistérios	105
Glossário	115

O MOTIVO DA VIAGEM E O NAUFRÁGIO

Quando, como estrangeiro, eu percorria este mundo, suportando numerosos regimes tirânicos, enganadores e hipócritas, não tendo ainda encontrado o homem que ardentemente procurava, pareceu-me bom arriscar-me novamente no Mar Acadêmico, embora este já me tivesse muitas vezes prejudicado. Assim é que embarquei a bordo do bom navio "Fantasia" e, com muitos outros viajantes, deixei o porto, expondo minha vida e minha pessoa aos mil perigos que acompanham o desejo de conhecimento.

As condições de nossa viagem foram, inicialmente favoráveis. Mas tempestades de ciúme e de calúnias não tardaram a elevar-se, desencadeadas contra nós pelo Mar Etíope e nos retiraram toda a esperança de uma travessia calma. O capitão e a tripulação arriscaram-se até o fim. Por instinto de conservação nós não nos dávamos ainda por perdidos, e o navio, ele mesmo, resistia aos recifes. Entretanto, a potência das águas se ampliava. Quando, finalmente, tínhamos já perdido toda a esperança e estávamos preparados para a morte, mais pela constatação do inevitável do que por grandeza de alma, o navio virou e afundou.

Alguns, dentre nós, foram tragados pelo mar, outros dispersados para longe, enquanto outros, ainda que sabiam nadar ou tinham achado uma prancha, foram arrastados na direção de diversas ilhas esparsas neste oceano. Os sobreviventes não foram numerosos. Entretanto, somente eu fui, enfim, lançado, sem companheiros, sobre o que parecia ser um minúsculo torrão de terra.

A CHEGADA NA ILHA CAPHAR SALAMA

Tudo aqui me agrada, salvo eu mesmo. A ilha, embora parecesse pequena, tinha de tudo em abundância e não havia um pedaço de terra que não fosse explorado ou empregado de alguma maneira em benefício geral. A ilha estava situada — como vim a saber mais tarde — no Hemisfério Sul, a dez graus do Pólo Sul, a vinte graus do Equador e acerca de doze graus sob o signo de Touro. Não quero entrar mais em detalhes sem importância.

A ilha tem a forma triangular, com perímetro de cerca de trinta milhas. É rica de terras trabalhadas e de prados, irrigada por rios e regatos, ornada de florestas e de vinhedos e pululante de animais. Podia-se crer que o céu e a Terra estavam casados aqui em paz eterna.

Quando aos raios do Sol matinal eu secava minha camisa, única veste que me restou, um insular chegou de repente, pertencente aos vigias. Compassivo, tomou conhecimento de minha infelicidade e, como tinha sincera piedade de mim, implorou-me que confiasse nele e o acompanhasse à cidade, onde me conseguiria o mais necessário com as boas disposições habituais para com os estrangeiros e exilados. E acrescentou: “Podeis considerar-vos feliz por terdes sido lançado sobre este solo depois de um naufrágio tão terrível!” Ao que eu me contentei em responder: “Que Deus seja agradecido! Que Deus seja louvado!”

A ILHA DE CAPHAR SALAMA

Os alunos da Rosacruz sabem que existe uma ação recíproca, radical e freqüentemente dramática, entre as diversas ondas de vida que povoam o universo. Da mesma maneira como certos pequenos corpos celestes podem ser atraídos para fora de sua órbita por formações estelares mais densas, assim também ondas de vida mais antigas e mais evoluídas podem atrair correntes de vida mais jovens para fora do seu caminho evolutivo e perturbar, a tal ponto, seu desenvolvimento conforme as leis naturais, que medidas radicais devem ser tomadas pelos sublimes reitores de toda a vida, a fim de impedir a destruição das centelhas*divinas que lhe foram confiadas.

Este ensinamento pode ser verificado de diversas maneiras e ser demonstrado cientificamente. Embora não queiramos ocupar-nos de enumerar e citar tais argumentos, gostaríamos de pelo menos dar-vos um exemplo.

Atraímos vossa atenção para a onda de vida dos animais, que nos segue e não está ainda do mesmo modo desenvolvida, e que é portanto influenciada de numerosas maneiras pela humanidade. Fazemos, na maioria das vezes, mau uso do nosso poder. Inumeráveis espécies animais

* Ver Glossário no final do livro.

acham-se totalmente desorganizadas por causa de nossa má influência: a selvageria e os perigos do reino animal que nos ameaçam foram ocasionados pela própria onda de vida humana. Nossa malignidade, nossa malícia e nossa imperfeição, nossa realidade corrompida, refletem-se no reino animal e nossa exalação envenenada ocasiona um crescimento desordenado, uma excrescência que se revela no reino animal por onda de insetos nocivos. Os micróbios e bactérias que ameaçam nossa vida, que, na realidade, estão encarregados da transformação das matérias orgânicas em matérias minerais, voltam-se agora contra o reino humano com um resultado assustador para nós, guiados pelo espírito de revolta do reino animal.

De maneira análoga, existe uma influência da onda de vida dos anjos sobre a onda de vida humana. Num momento muito angustiante de nossa peregrinação, que está praticamente perdido nas brumas do passado, um golpe muito duro nos atingiu, desencadeado pela onda de vida angélica, e se desdobrou num destino cheio de amargas conseqüências para nós.

Uma sucessão de mitos e de lendas atestam esse terrível acontecimento. Podemos ler a este respeito nos vestígios mutilados da doutrina maniqueísta. Antes de tudo é a Bíblia que põe em dia, de maneira velada porém concretamente para aqueles que têm o conhecimento interior, os acontecimentos que ocasionaram uma modificação total dos métodos do plano de evolução divino que está na base da onda de vida humana.

Dois grupos do reino dos anjos, chamados Espíritos da Lua e Espíritos de Marte, tiveram e têm ainda por missão ajudar a onda de vida humana a desenvolver-se.

As forças lunares edificam a forma, enquanto as forças marcianas desenvolvem nesta forma a energia dinâmica, a força do desejo, a fim de que a consciência nasça das interações da forma e do desejo.

As fontes mencionadas relatam-nos que uma parte dos Espíritos de Marte executou sua tarefa com demasiado ardor, contrariamente à ordem divina, e que assim o mal foi desencadeado, mas ele era contido e neutralizado pela sábia providência, de sorte que o homem durante a infância tombou sob a influência do mal por falta de maturidade e de forças suficientemente desenvolvidas.

O mal, a obscuridade, deve sempre existir como possibilidade negativa a fim de que seja assegurada a livre faculdade de evolução do bem, da luz, da possibilidade positiva. Esta lei da natureza é intangível e é introduzida numa ordem universal teocrática com uma advertência divina.

Esta ordem universal teocrática é comparada, na narração do Gênese, a um jardim onde se encontram numerosas árvores frutíferas e numerosas forças. O homem-criança é instruído a respeito de todos os valores, bem como de todos os perigos, graças à ajuda divina e à luz divina. O homem-criança pode servir-se de diferentes frutos, de certas forças e valores, enquanto que de outros é dito: "No dia em que os comerdes certamente morrereis". O mal existe mas no início ele se encontra contido, embora possa ser desatado pelo homem. Há muitas malignidades que vós conheceis ou temeis sem ter o desejo de executá-las. O positivo que tendes em parte realizado de modo consciente protege-vos, de fato, dessas

experiências, enquanto que o bem do qual tendes alguma noção põe-vos, também, em condições de reconhecer as conseqüências do mal sem ter dele feito experiência direta. Deveis sempre levar em conta esta possibilidade.

Não é verdade — como muitos homens pretendem — não ser possível aproximar-se do positivo senão depois de ter experimentado na própria carne o resultado negativo. Uma experiência da consciência, segundo o coração e a razão, é, para alguns, perfeitamente suficiente, enquanto que outros devem primeiro chafurdar nos montes de imundícies para obter a mesma experiência de consciência. Por exemplo, sois perfeitamente livres de fazer mau uso do álcool. Contudo não tendes necessidade de tornar-vos alcoólatra para saberdes que o álcool é mau.

Queremos somente dizer-vos que, em princípio, é possível paralisar o mal sem fazer do homem um autômato vivente e que se pode adquirir a consciência sem amargas experiências prévias. O amor divino é tão absoluto que podemos desenvolver todas as nossas faculdades latentes nesta claridade.

No passado remoto tombamos vítimas das experiências dos espíritos luciferianos dissidentes. Eles incitaram uma linha de evolução que deu ao negativo a possibilidade de colocar debaixo de sua influência a jovem humanidade. Em conseqüência, a forma degenerou e, portanto, a morte e a encarnação que a segue tiveram de ser introduzidas como medidas de emergência, a fim de preservar a possibilidade de evolução da onda de vida humana. As conseqüências dessa queda foram assustadoras e temos desde então, sem exceção, devido a isso, de colher frutos amargos. E agora vivemos numa contra-

natureza de valores proibidos.

E, no entanto, desde esta queda vemos manifestarem-se os hierofantes de Cristo* e ser anunciada a vinda d'Aquele na força do qual poderemos, um dia, esmagar a cabeça da antiga serpente do mal. Esperamos que até então a serpente não nos tenha destruído completamente os calcanhares.

Numerosos foram aqueles que se perguntaram qual a significação da palavra "calcanhar" no capítulo 3 do Gênese. De fato, este texto não é difícil de compreender. Quando nossos calcanhares estão feridos não podemos mais correr. Em outros termos, as energias negativas que entram em atividade tentarão o impossível, em virtude de sua natureza, para impedir nosso desenvolvimento evolutivo e mesmo destruí-lo.

É neste combate de titãs que nós nos encontramos hoje. As forças negras fazem tudo para ferir os calcanhares dos homens e infelizmente elas já chegaram para inúmeros deles. Entretanto, vemos, por outro lado, manifestarem-se os hierofantes de Cristo com um glorioso plano de salvação. Em razão do próprio homem ter desencadeado o mal, se bem que sob a instigação de terceiros, deve ele mesmo acorrentá-lo novamente conforme o plano de Deus. Isto ele poderá realizar facilmente, pois será igualmente incitado à sua salvação por terceiros e na força deles. Pois, ninguém senão Cristo nos põe em condições de novamente tornarmo-nos filhos de Deus.

O plano de salvação dos hierofantes de Cristo, da Fraternidade Branca, tem por objetivo, em breve, formar um campo de força no amor de Cristo, a partir de um

* Ver glossário no final do livro

número suficiente de homens explorando positivamente seus poderes. Por esse meio o mal será primeiramente reduzido e acorrentado e depois um novo método de educação será constituído para os milhões de seres que, gravemente feridos e com os pés chagados, se encontram abatidos no caminho da humanidade.

Esta dupla tarefa está exposta em particular no maravilhoso livro do Apocalipse. Lemos ali que o monstro será lançado no abismo e que começará o milênio no decorrer do qual a humanidade será preparada para o combate definitivo contra o mal e deverá então neutralizá-lo para sempre. Aquilo que a princípio foi conseguido temporariamente, com a mediação da Fraternidade Branca, deverá, depois, ser confirmado em ação e verdade pela humanidade inteira, a fim de que possa começar a desenvolver-se uma nova espiral chamada "a Nova Jerusalém".

Parecer-vos-á lógico que os alunos da Escola dos Mistérios da Rosacruz, ao lado de todos os seus preparativos para o desenvolvimento espiritual, devam também adquirir compreensão e tenham que estar perfeitamente orientados em relação ao milênio que é designado pelos rozacruzes clássicos* pelo termo "Cristianópolis" e pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, "Teocracia".

Por ocasião de uma visita à biblioteca do Museu Britânico de Londres, de renome mundial, descobrimos o livro, quase desconhecido, intitulado *Cristianópolis*, de Johann Valentim Andreae, o autor da *Fama Fraternitatis R.C.* Pudemos trazer aos Países Baixos uma tradução inglesa desse documento da Fraternidade Rosicruciana do ano 1.619, que se achava, talvez, nessa biblioteca, há vários

séculos, sem que ninguém por ele jamais se interessasse. Sentimos, interiormente, que devíamos trazer o conteúdo deste livro à luz do dia e fazê-lo conhecido de todos os alunos com explicações, a fim de que estes pudessem harmonizar seu trabalho com ele e assim melhor servir à grande obra.

Não nos queremos demorar em achar uma resposta à questão do porquê fomos chamados a esta tarefa, ao passo que, certamente, muitos homens melhor qualificados teriam podido, com maior sucesso, empreender tal missão. Queremos, de preferência, seguir nossa aspiração e vos reunir em Cristianópolis, o estado do futuro, a cidade cujas muralhas se desenham vagamente no horizonte de nossa era.

Mas deveis considerar que Cristianópolis possui dois aspectos: um, tridimensional, no sentido de um novo estado a realizar, a Teocracia, que está, pois, ligada à matéria bruta; e outro, quadrimensional, no sentido da iniciação dada pela Comunidade da Vida, que é conhecida pelo nome de Fraternidade Branca, fazendo do neófito da Rosacruz um cidadão de dois mundos.

Sob seu aspecto tridimensional, Cristianópolis é a Comunidade da Vida do futuro que deve ser realizado em bondade, verdade e justiça, pelos corações, cabeças e mãos dos homens. No sentido quadrimensional, Cristianópolis pode ser vivida imediatamente por todos aqueles que o desejarem verdadeiramente.

Ao nos aproximarmos da obra de Andreae devemos sempre considerar esses dois aspectos. Pois a realização do segundo é a consolação divina, a força do Espírito Santo que quer preencher o aluno quando este procura

realizar o primeiro aspecto em amargo sofrimento e rude combate.

Eis por que Cristianópolis, construção da Fraternidade da Rosacruz, vai além da idéia de um Bellamy (1) e do esforço dos belamistas. A Fraternidade da Rosacruz fundamentou seu estado nas linhas de forças cósmicas da cristandade, ao passo que os belamistas tentam erigir este estado no campo de vida terrestre, sem renovação interior.

Ponhamo-nos a caminho, na direção de Caphar Salama, onde foi fundada a nova cidade. Na primeira parte de *Cristianópolis* nos é descrito um homem que se libertou dos valores de vida degenerados e inutilizáveis e que procura na obscuridade uma solução, uma luz.

Quando, como estrangeiro, eu percorria este mundo, suportando numerosos regimes tirânicos, enganadores e hipócritas, não tendo ainda encontrado o homem que ardentemente procurava, pareceu-me bom arriscar-me novamente no Mar Acadêmico.

(1) Edward Bellamy (1850 – 1898), autor americano, obteve grande renome por sua obra utópica intitulada “Looking backward 2000 – 1887 – Cem anos depois ou o ano 2000”. Esta obra propagava os princípios de uma sociedade ideal, onde todos os homens gozariam dos mesmos direitos. No ano de 1887 – durante um período de caos industrial e de concorrência encarniçada – o personagem principal, um rico habitante da cidade de Boston, adormeceu profundamente e não acordou senão no ano 2.000, num mundo onde reinava a ordem, a regularidade, a justiça e a prosperidade. Em vários países as idéias de Bellamy encontraram um eco extraordinário e, em pouco tempo, mais de um milhão de exemplares de seu livro tinha sido vendido.

Na certeza da fé interior, ele embarca num navio que ostenta o signo de Câncer sobre seu pavilhão, para atravessar o Mar Acadêmico. Mencionamos também que o nome do navio é *Fantasia*. O Mar Acadêmico é uma extensão de água encapelada e perigosa; o viajante sabe perfeitamente que arrisca sua vida por causa das numerosas circunstâncias contrárias que provêm da estupidez.

Se bem que as condições em que começa a travessia sejam muito favoráveis, uma tempestade violenta não tarda a levantar-se. Todas as energias são aplicadas mas o navio é golpeado com tal violência que naufraga. Os passageiros tentam salvar a pele mas muitos se afogam. Outros são arremessados longe uns dos outros e Johann Valentim Andreae, sem nenhum companheiro, é finalmente arrojado sobre uma ilha desconhecida e maravilhosa, depois de ter lutado com a energia do desespero, contra as ondas.

Esta ilha parece muito pequena mas está provida de tudo em abundância. Não era um pedaço de terra que não foi cultivado ou explorado de alguma outra maneira para o bem geral. O nome da ilha é Caphar Salama. Encontra-se no Hemisfério Sul, a dez graus do Pólo Sul, a vinte graus do Equador e acerca de doze graus sob o signo de Touro. Tem a forma de um triângulo e um perímetro de trinta milhas. Andreae tem a impressão de encontrar um mundo completo em miniatura que evolui em paz eterna.

Vestido somente com sua camisa, única roupa que lhe resta, Andreae pisa a praia sagrada de Caphar Salama e é recebido ali por um dos guardiães da ilha que lhe pede que o acompanhe à cidade onde será provido do mais necessário.

Podeis considerar-vos feliz por terdes sido lançado sobre este solo depois de um naufrágio tão terrível, disse-lhe o guardião do santuário, e o náufrago responde: Que Deus seja agradecido! Que Deus seja louvado!

Não vos será provavelmente muito difícil penetrar o sentido deste início ligeiramente velado. Quando nossa natureza inferior é desmantelada e nós nos purificamos mediante um desejo ardente de salvar o mundo e a humanidade para erguê-los a uma nova realidade de vida, não nos resta senão um método de trabalho, uma só possibilidade de trabalho, que é a cruz, o derramamento do sangue da alma para o mundo e a humanidade, em oferta de si mesmo e em abnegação, conforme o exemplo sublime de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Eis por que o neófito sobe a bordo de um navio que leva em sua bandeira o signo do Câncer. Este é o signo do nadir, o pé da cruz erigido em nossa vida. Não é senão através deste signo que podemos vencer (1).

Quando a consciência do aluno está estreitamente unida à magia da cruz, aparece-lhe também um saber interior que o toca. Um estado de ligação com uma energia universal, da qual ele realiza uma parte na consciência, mas cuja maior parte perde-se no nada do mesmo modo que o mar transforma-se em céu no longínquo horizonte.

O que ele observa são as vagas, as ondas de energia que vão e vêm aparentemente sem razão. Ondas que o exortam a confiar nelas no caminho do reconhecimento,

(1) In hoc signo vinces.

segundo o coração e a razão, do plano divino para o mundo e a humanidade.

Assim voga o esquife carregando o signo de Câncer no seu mastro, no Mar Acadêmico do saber interior. No deslumbramento de seus sentidos o aluno voga no oceano agitado das possibilidades desconhecidas a fim de agarrar o mistério abstrato em seu valor concreto e carregá-lo até a colina do calvário.

Ora, esta ascensão no ser abstrato não é questão de poesia nem amável jogo de imaginação, mas um ato heróico, um intenso combate psíquico. E assim, esgotado e abatido, não vendo mais saída, ele chega à ilha Caphar Salama.

Caphar deriva de um termo que significa "bode" ou "cordeiro" e *Salama* significa sabedoria. *Caphar Salama* quer dizer engajado na eterna sabedoria do cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo; estar liberto dos últimos vestígios de auto-afirmação.

Para esclarecer mais nitidamente a significação da ilha, sua posição mágica nos é exposta:

Dez graus do Pólo Sul: dez é o número cabalístico da mão de Deus; o Pólo Sul é o meio do céu, a porta do Senhor, onde a cabeça se inclina com o grito: "Tudo está consumado";

Vinte graus do Equador: vinte é o valor cabalístico do despertar fora da morte que se torna possível pela travessia do Equador, da linha de demarcação entre o negativo e o positivo, entre a descida e a subida, entre a obscuridade e o meridiano;

Doze graus sob o signo de Touro: doze é o número cabalístico da visão profética que surge de uma sala cheia

de tesouros, o capital espiritual simbolizado pelo Touro.

A forma da ilha é triangular, símbolo franco-macônico místico do Trígono Ígneo da bondade, da verdade e da justiça. O perímetro da ilha conta trinta milhas, alusão jupiteriana à Fraternidade Branca, ao campo de força sétuplo dos iniciados.

Sobre a base deste saber mágico, desta força divina, desta fonte eterna, Johann Valentim Andreae construiu seu plano de estado, sua Cristianópolis. E isso deve encher-nos da alegria de podermos ouvir pela voz do guardião do santuário: *Podeis considerar-vos feliz por terdes sido lançado sobre este solo depois de um naufrágio tão terrível!* E nós não podemos senão balbuciar: *Que Deus seja agradecido! Que Deus seja louvado!*

A ORIGEM DE CRISTIANÓPOLIS

Ao nos aproximarmos da cidade, fiquei particularmente impressionado por sua aparência e beleza. Em nenhuma outra parte do mundo tinha visto coisa tão bela ou que lhe pudesse ser comparada. Voltando-me para meu guia, perguntei-lhe: "Que feliz acaso fez aqui sua morada?"

Ele respondeu: "Bem, é o que neste mundo habitualmente é considerado grande infelicidade. Porque, quando o mundo perseguia os bons e os expulsava de sua comunidade e de sua religião, estes últimos reuniram em torno de si seus melhores amigos. E após terem atravessado o mar e explorado diversos lugares, escolheram finalmente esta ilha, a fim de, aqui, se estabelecerem com seus partidários. Foi então a cidade construída e nós a denominamos 'Cristianópolis' e que deve ser um refúgio ou, se preferirdes, um bastião da verdade e da probidade. Experimentareis brevemente a generosidade de nossa república para com todos aqueles que se encontram no infortúnio. Se desejardes atravessar a cidade, deveis fazê-lo, entretanto, com olho imparcial, língua refreada e comportamento justo – somente assim isso não vos será

recusado. A cidade ser-vos-á totalmente aberta”.

Ao que repliquei: “O’ hora bendita em que, após ter visto tantas monstruosidades, em temor e tremor, gozei o privilégio de perceber alguma coisa verdadeiramente amável e bela. Não pouparei nem banho, nem barbeador, nem escova, para ser admitido, lavado, barbeado e purificado, no puro domínio da bondade, da verdade e da justiça. Pois cada um sabe, desde muito tempo, quanto minhas faltas e erros foram funestos. O’ possa eu ver um dia o que é melhor, mais verdadeiro e mais duradouro do que aquilo que o mundo tem produzido até hoje, apesar de suas belas promessas!”

II

A ORIGEM DE CRISTIANÓPOLIS

No capítulo anterior, sobre o novo estado de Cristianópolis, que surgiu da realidade da Escola de Mistérios ocidental, vimos como Johann Valentin Andreae chegou a Caphar Salama.

Compreendemos como esta maravilhosa ilha é a descrição esotérica da sabedoria e do amor onipresentes de Deus, irradiados por Cristo. As cabeças, os corações e as mãos dos homens tornaram-na um foco espiritual neste mundo.

O ensinamento universal gerado por Deus aproxima-se de nós exclusivamente pelos hierofantes de Cristo, do mesmo modo que o Espírito de Cristo aproxima-se de nós, e só pode vir a nós, pelo Mestre Jesus, oriundo da Fraternidade dos Essênios — o que Johann Valentin Andreae fez ressoar com júbilo, na *Fama Fraternitatis R.C.*: “Jesus é tudo para mim!”

Este ensinamento universal, que irradia nos homens, pela graça de Deus, como um templo branco sagrado, torna-se assim propriedade de todos e nada pode impedir o neófito de atingir a bela praia de Caphar Salama, desde que ele empreenda sua viagem no estado exigido: inteira-

mente de acordo com a ordem espiritual de Jesus Cristo, que perfura nossa ordem de natureza como um gládio.

Desta maneira, tão esgotado e desamparado quanto possa estar, o neófito penetra no campo de força da Escola de Mistérios.

E lá ele é acolhido pelo guardião do santuário, o qual lhe pede que o acompanhe à cidade. No caminho, Andreae é informado da fundação de Cristianópolis e aprende como desde que admitido no campo de força poderá explorar a cidade em todas as suas particularidades, uma vez alcançado este foco espiritual.

Quando o aluno aproxima-se da cidade, é profundamente tocado pela beleza imponente que resplandece desse lugar e, voltando-se para seu guia, exclama: *Que feliz acaso fez aqui sua morada?* E recebe uma resposta que parece surpreendente: *É o que neste mundo habitualmente é considerado grande infelicidade. Porque, quando o mundo perseguia os bons e os expulsava de sua comunidade e de sua religião, estes últimos reuniram em torno de si seus melhores amigos. E, após terem atravessado e explorado diversos lugares, escolheram finalmente esta ilha, a fim de se estabelecerem com seus partidários.*

Devemos aqui ver claramente o que, em geral, é tão pouco compreendido: o fato de que uma Escola de Mistérios é nascida da infelicidade e da negação; que aquilo que, visto do exterior, é uma felicidade indizível provém do que parece ser aqui um imenso infortúnio.

Se neste mundo possuíis uma real necessidade da verdade, da bondade e da retidão, não como resultado de experiência interior negativa mas resultante da palavra verdadeira, em realização no vosso comportamento,

desenvolveis então uma tríplice energia que não pode dissolver-se e que vem diretamente para o bem da humanidade.

Tão logo ouseis sustentar neste mundo o tríplice fogo da bondade, da verdade e da justiça e que o irradieis como um candelabro de sete braços, como uma força mágica, erguem-se, em vossa vida, sofrimento e pesar; desenvolvem-se as maiores resistências e perseguições, numa palavra, as mais violentas reações. Uma grande dor abate-se sobre vossa existência, um destino que se torna perceptível de todas as maneiras possíveis, uma profunda aflição que corrói vossos nervos e consome vosso coração até não poder mais. Compreenda-se bem! Esta grande dor não se refere às decepções nos vossos negócios ou aos mal-entendidos no seio de vossa família, às querelas com o vosso ambiente ou vosso desemprego. Trata-se de sofrimentos espirituais, morais e materiais, que sobrevêm quando vós vos servis do gládio crístico para restabelecer, em sua potência, a verdade mutilada.

Contudo, é desta infelicidade que provém a maior felicidade, desta obra emana a terra retificada. Então, a energia dinamizada do bem, deste sangue da alma expandido, não pode dissolver-se, não é derramada em vão. Ela se reúne em uma onda vermelha como as rosas, que se eleva sempre mais alto e que acaba por varrer a impiedade com um poder irresistível. Este processo nos é claramente exposto na inteira magia ocidental. Isso nos prova que todo o sacrifício torna-se uma realidade.

A Escola de Mistérios não participa da ingenuidade mística dos teólogos e não predica assim: “Dia virá em que terão fim vossos sofrimentos. Deveis também receber

um dia, nos céus, o que vos é devido. Estará lá a vossa parte!”

Não; vós não deveis considerar esta grandiosa felicidade, que vos pode caber em partilha, graças a Caphar Salama, como uma letra de câmbio sacada sobre a eternidade, mas como uma energia positiva direta que podeis experimentar imediatamente, à qual podeis ser ligados em meio ao mundo da morte, numa experiência instantânea. Os magos brancos não são os “guardiães de Sion”, como os designaram, um dia, os teólogos, com sarcasmo.

Cristão Rosacruz, depois de sua viagem simbólica, chega à Espanha e oferece todos os seus tesouros de bondade, de verdade e de justiça. Várias vezes ele tenta atingir seus objetivos compassivos: porém, quando se desviam dele continuamente, ele não volta seus olhares para os céus, lá onde, enfim, será compreendido. Prefere, antes, fundar, no meio do país inimigo, a Ordem da Rosacruz Vermelha, como cidadela inexpugnável. E é de lá que ele empreende seu combate.

Ouvistes falar de Sansão com suas sete tranças de ouro, de Sansão com suas sete chamas douradas que flamejam como um triângulo de fogo. Ele leva este fogo ao meio dos filisteus, em pleno país inimigo, para deramar seu amor na impiedade. É lá que ele é aprisionado e despojado de sua energia luminosa. É impedido de levar a bom termo seu trabalho. Vazam-lhe os olhos. Obrigam-no a seguir o caminho de miséria do sangue e da terra. Mas ele se levanta do lamaçal do sofrimento com uma energia reencontrada, sacode as colunas do templo da impiedade e aniquila seus adversários.

É por isso que quando *o mundo persegue os bons,*

caçando-os como animais e torturando-os nos sangrentos calabouços, tódo o verdadeiro valor é recolhido no campo de força dos hierofantes de Cristo.

Por isso, o tempo em que vivemos é, do ponto de vista espiritual, muito importante e muito significativo. A cólera do adversário negro empurra para o campo de força central de Cristianópolis as energias inflamadas em Cristo. Andreae fala, então, aqui, de um bastião, de uma cidadela. Trata-se de um campo de força, uma estada para todos aqueles que se encontram em desespero.

Não se insista no erro de considerar Caphar Salama como um asilo para os sem-abrigo, como um lugar onde os escombros de nossos desejos ardentes concentram-se em sombras imateriais. Vede esse lugar como um campo de força, invencível e radiante com o sol.

Os que atravessam o mar como Johann Valentin Andreae constatarem-no bem cedo. Temos o dever de dizer-vos que cada um pode alcançar o estado de ser recebido neste campo de força e atravessar esta cidade. Que cada um pode ser posto em situação de empreender pesquisas verdadeiramente espirituais em Cristianópolis.

Cada um será admitido dentro dos muros brancos desta ordem mágica, sob uma tríplice condição:

- 1- chegar com olho imparcial,
- 2- com língua refreada,
- 3- e com comportamento justo.

Imaginai que estejamos em condições de mostrar-vos o que há de mais sagrado, de mais belo e de mais precioso e que nós vos disséssemos assim: "Podeis entrar com olho imparcial, língua refreada e comportamento justo". Vós responderéis, então: "Evidentemente, isto é natural.

Tenho boa educação; aprendi a dominar meus olhares, estou em condições de mostrar um rosto sorridente, mesmo fervendo de cólera interiormente. Aprendi a dominar minha língua. Meu pai, que era comerciante, me ensinou tudo isso. Posso adaptar perfeitamente meu comportamento a todas as situações. Sou cuidadoso, posso anular-me e minha mãe me ensinava, quando eu tinha apenas três anos, as regras de cortesia. Vossa tríplice condição é, pois, para mim, extraordinariamente simples. Posso observá-la facilmente. Não deveis tornar as coisas tão fáceis para as pessoas. Pedi um direito de entrada elevado. Não virá, então, Pedro ou Paulo e vós tereis um público extremamente educado, cujos olhos, língua e comportamento terão sido, desde o seio materno, muito cultivados”.

Compreendeis bem que isto não faz nenhum sentido. É o pântano da falsidade que se tornou, no nosso mundo, o coroamento da cultura. Com esta impostura não podeis penetrar no santuário! Na Escola Espiritual* não se pode mentir e os valores culturais que adquiristes não contam em Cristianópolis. Eis por que Johann Valentin Andreae é jogado nas margens de Caphar Salama, tendo uma camisa como única vestimenta.

Olho imparcial, língua refreada, comportamento justo: esta tríplice condição é muito difícil de preencher.

Possuís olho imparcial? Não o podeis ter enquanto desejardes ainda afirmar-vos. Quem se aproxima da santidade divina totalmente livre e sem preconceito? A maioria dos homens não vem para encontrar a confirmação de suas idéias, de suas concepções? E não vos tornais muito irritado quando vossa experiência não está de

acordo com vossa interpretação? Não importunais diariamente os trabalhadores nas vinhas de Deus com vosso egocentrismo?

Um olho imparcial só pode nascer da qualidade de alma. Se não tendes nenhuma qualidade de alma, nenhuma força de caráter nascida em Cristo, vosso olho está obscurecido e não pode ser imparcial. O homem que não está purificado pela força da alma é dominado pelos impulsos e pelas paixões. Por isso é possível que encontréis olhos cheios de paixão infernal. É possível igualmente vos arrepiardes com a fria insensibilidade que provém dos olhos de um homem. É possível ainda que os olhos estejam apagados ou coloridos de instintos perversos ou mostrem o falso brilho da alienação intelectual. Todos esses olhos não podem ser imparciais.

Vossos olhos se modificarão quando, de uma posse interior, surgir o verdadeiro amor pelos homens. Vossos olhos mudarão quando, com este amor, fordes ao encontro de olhos sujos e embaciados, para curar sua cegueira e conduzi-los à radiação solar de Deus.

Então experimentareis também a necessidade de possuir uma língua refreada. A língua é, de comum acordo com o sistema da laringe, o órgão que permite emitir sons articulados e ter uma linguagem humana. Mas considerai que, desta maneira, a língua é um instrumento mágico, com a ajuda do qual podeis fazer compreender vossas intenções a todos que foram tocados e alcançados por vossos olhos.

Se possuídes o olhar mágico do amor, podereis também utilizar o instrumento mágico da palavra e é certo que os guardiães do santuário conduzirão até vós os

homens que forem tocados por vosso olho imparcial e vossa língua refreada. Se pronunciardes a palavra de Deus, embora em termos bem escolhidos e com brilhante dicção, mas com a língua não purificada, vossa linguagem permanecerá, então, sem efeito. Cometeréis então uma grande traição. Não tereis emitido a palavra libertadora mas sim aquela que afaga vosso orgulho. Prostituíds o sagrado para desenvolver e conservar vossa impiedade.

É pois possível que dois homens pronunciem as mesmas palavras, sendo que uma língua testemunhará o caminho da libertação e a outra um abismo profundo. Os vaidosos deste mundo utilizam, portanto, o santo nome de Deus para atingir aqueles que ele têm — notai bem a expressão — em vista.

O homem que possui olho imparcial e língua refreada poderá também desenvolver o comportamento adequado. O olho procura o que está perdido para reerguê-lo; procura igualmente a força e a sabedoria para levar a bom termo este trabalho de libertação. A língua testemunhará uma força vinda do interior, daquilo que serve à paz eterna. O comportamento justo surge deste desejo interior dos olhos e da língua, absolutamente espontâneo, absolutamente não forçado, a fim de poder servir sempre mais dinamicamente à Luz.

Não se trata aqui de recalçamento, de repressão dos instintos e das paixões da natureza egoística, nem de camisa de força da cultura e da educação, mas de uma orientação de si mesmo, espontânea, em completa abnegação, em direção do objeto do desejo do coração e da alma.

Olho imparcial, língua refreada, comportamento

justo: somente quando satisfizer esta tríplice condição o neófito poderá entrar em Cristianópolis. E o privilégio de contemplar, em todos os detalhes, a fonte dos mistérios, não lhe poderá ser retirado. Eis por que vos dizemos que, se seguirdes este caminho, podereis um dia ver, diante de vós, com inevitável segurança, os contornos desta cidade santa e podereis dizer com Johann Valentin Andreae:

O' hora bendita em que, após ter visto tantas monstruosidades, em temor e tremor, gozei o privilégio de perceber alguma coisa verdadeiramente amável e bela. Não pouparei nem banho, nem barbeador, nem escova, para ser admitido, lavado, barbeado e purificado, no puro domínio da bondade, da verdade e da justiça.

Assim, os que compreendem este apelo vão banhar-se na água viva de Cristo, para se purificarem com o mais duro aço das energias dinâmicas e limpar completamente suas vestes com as forças da lei evangélica, a fim de serem recebidos, pelo guardião de Cristianópolis, com uma palavra alegre de boas-vindas.

**O PRIMEIRO EXAME DO ESTRANGEIRO,
QUANTO AO SEU MODO DE VIDA E
À SUA POSTURA MORAL**

Logo que atingimos a porta oriental, meu companheiro de caminhada apresentou-me à sentinela da guarda divina, que me saudou polidamente e perguntou o que eu desejava. "Muito", disse-lhe, "pois, como vedes, sofri um naufrágio. Supondo ter aqui encontrado Deus em pessoa, como não procuraria eu a abundância do que tanto me faltou durante toda a minha vida?"

A sentinela sorriu e deu-me amavelmente o conselho — visto que esta ilha não admitia nada que não lhe conviesse — de vigiar para não ser um daqueles que os habitantes não tinham suportado junto deles, devolvendo-os para o lugar de onde vinham, isto é, os mendigos, os charlatões, os histriões, os ociosos, os intrometidos, os que se preocupam com o insólito; os fanáticos desprovidos de verdadeira piedade; os envenenadores, que arruinam a ciência alquímica; os impostores, que se apresentam falsamente como irmãos da Rosacruz e outros que enlameiam a ciência e a verdadeira cultura. De todos esses esta cidade jamais cessou de desconfiar.

Após ter-me livrado de toda a suspeita pelo testemunho de meu saber profundo e ter-me comprometido,

com muitas declarações, a consagrar todas as minhas energias a serviço da verdade e da justiça, a sentinela declarou: “Não há mais, portanto, nenhuma razão para não dispordes de nosso bem, nem também do que é ainda mais importante, de nós mesmos”.

Com essas palavras tomou-me pelas mãos e conduziu-me à residência de um dos guardiães, que não se encontrava muito longe, e reconfortou-me com preciosas comidas e bebidas.

III

O EXAME DO NEÓFITO QUANTO

AO SEU MODO DE VIDA E

À SUA POSTURA MORAL

Se o aluno quiser penetrar na cidade dos Mistérios, Cristianópolis, não pode aproximar-se dela senão pela porta oriental. Antes de ser acolhido, de braços abertos e com alegria, ele deve submeter-se a um exame triplo. Se o resultado deste controle não for satisfatório ele será, inevitavelmente, devolvido.

Deveis notar bem que se observa grande reserva a respeito de cada candidato, sem exceção, se bem que cada um seja tratado, na Escola de Mistérios, correta e cortesmente.

No decorrer dos séculos, os hierofantes da Escola de Mistérios tornaram-se prudentes por causa de danos e ultrajes, sofrimentos e desgostos. Eles não tomam nenhum risco. O grande sacrifício de si mesmos a serviço de Cristo, oferecido pelos irmãos da Rosacruz, seu ato de amor e seu esforço impessoal não se revelam por acaso, segundo o método da cega deusa Fortuna. Ao contrário, o menor raio de Luz é empregado de maneira muito inteligente e eficaz.

Não pensem que na Escola de Mistérios seus membros deixam-se enganar por uma aparência mística, com

ou sem lágrimas, por mãos juntas, votos proferidos com paixão e palavras piedosas. Na Escola de Mistérios mantemo-nos de início como que diante de um rochedo, de uma parede de aço temperado, sem nos tranqüilizarmos com textos bíblicos. Não podereis atravessar essa parede enquanto não possuídes o bastão de Moisés. Somente então podereis fender a rocha para fazê-la jorrar a água viva.

Talvez vós vos considereis totalmente aceitável, mas na prática, às vezes, é diferente. Muitas aflições e sofrimentos, muita energia desperdiçada e também muitas provas poderiam ser evitadas se cada um conhecesse as leis da Escola de Mistérios.

Desejamos falar-vos agora dessas leis. Mas que nos seja permitido primeiramente inteirar-vos de um método de trabalho da Rosacruz. A Escola de Mistérios envia a todas as partes do mundo obreiros que lançam seu apelo no meio da natureza da morte, onde desenvolvem seu trabalho. Não é fácil tarefa, pois tais enviados têm numerosos concorrentes que trabalham como eles, mas com intenção completamente diferente.

Poderíamos certamente distinguir os verdadeiros obreiros dos falsos. Mas quem possui discernimento suficiente? E quem quer dar-se a esse trabalho? Estamos geralmente inclinados demais a ouvir aqueles que indicam um caminho conforme os valores primários de nosso tempo. Eis por que o trabalho dos pioneiros da Rosacruz é uma atividade para a qual estabelecemos mais facilmente teorias do que as concretizamos, pois este trabalho custa muito sofrimento e desgosto.

O objetivo é, entretanto, muito claro. Quando esses

obreiros conseguem despertar algum interesse, reunir alguns interessados, sua tarefa não está concluída, mas apenas iniciada. De fato, esses interessados não são todos da mesma qualidade nem têm a mesma motivação.

O obreiro deve agora tentar conduzir seus neófitos até a porta oriental. No caminho, ensina-lhes a tríplice condição evocada no capítulo anterior, isto é, a necessidade de possuir olho imparcial, língua refreada e de comprovar comportamento justo. Quando o instrutor revela esta tríplice condição, um "naturalmente!" ressoa. Mas mentis! Mentis conscientemente ou por entusiasmo porque não possuís olho imparcial. De vosso olho emana a qualidade de vosso ser do desejo. E não tendes refreado vossa língua, pois ela dá testemunho de vossa teimosia e auto-afirmação e é por isso que não tendes mais o comportamento justo.

Deixemos provisoriamente fora de cogitação a mentira consciente. Deveis saber que um estado exaltado não vos pode conduzir longe na vida e não vos fará avançar sequer um milímetro na Escola de Mistérios. Deveis ter compreendido que a purificação material, moral e psíquica de vossa personalidade é um processo que demanda bem mais que um esforço de quinze dias e que o triunfo depende aqui de vossa maneira de começar o processo.

Se, na esperança de sucesso, quiserdes possuir olho imparcial, língua refreada e comportamento justo, deveis partir de uma postura moral apropriada. Queremos tentar explicar-vos o que isto quer dizer no ensinamento da Rosacruz.

A entrada pela porta oriental requer um novo

nascimento. Cada nascimento, nós o sabemos, provém de um desenvolvimento anterior. O processo começa quando Johann Valentin Andreae embarca a bordo do navio arvorando, como bandeira, o signo de Câncer, o simbolo do pé da cruz. Não é possível atingir-se a porta oriental, o ascendente do nascimento, senão quando a cruz é aceita com todas as suas exigências. E a qualidade da aceitação de vossa cruz, a medida do saber interior, do que Jesus Cristo significa em vossa vida, determina se sereis recebido com alegria pelo guardião do limiar ou se sereis devolvido. Seria inútil querer forçar a permanência na casa dos irmãos da Rosacruz se fazeis parte dos que não saberiam sofrer ao lado deles. O resultado desta tentativa seria absolutamente nulo.

Inúmeros são aqueles que tentam passar pela porta oriental sem trazer gravado em seu sangue o signo de Câncer. Johann Valentin Andreae *designa-os como "os mendigos, os charlatões, os histriões e os ociosos, os intronitados, os que se preocupam com o insólito; os fanáticos desprovidos de verdadeira piedade; os envenenadores, que arruinam a ciência alquímica; os impostores, que se apresentam como irmãos da Rosacruz, e outros que enlameiam a ciência e a verdadeira cultura"*.

Lendo esta enumeração, tendereis rapidamente a dizer: "Sim, tais pessoas eu as conheço". Nós as conhecemos também e vamos descrever suas características.

Primeiramente, os mendigos: são os que, cobertos de andrajos morais e espirituais, empesteando a atmosfera com sua nódoa, apresentam-se à porta oriental. São aqueles que jamais empreenderam o menor esforço para regenerar-se moral ou espiritualmente e que procuram

agora quem os ajude. Não vos falamos aqui dos pobres de nossa sociedade, dos que nossa civilização excluiu. Mas pensamos naqueles que arrastam a lei de seu estado de ser humano e que, sem o menor amor ao próximo, reclamam agora ajuda em proveito da manutenção de sua degenerescência. São os vampiros que, na pobreza de sua alma, nutrem-se do fluido psíquico dos outros. E após esvaziarem suas vítimas — que por piedade e espírito de sacrifício deixaram-se explorar — exibem, durante algum tempo, um brilho, devido ao bem roubado, um semblante de alegria, de equilíbrio e de certeza de fé cristã.

Porém, quando este bem roubado se evapora e a grande fome os corrói novamente, eles retornam ao ataque: “Eu me sinto tão vazio, tão deprimido. Posso vir ainda a falar-vos um pouco e colocar minhas ventosas sobre vosso coração espiritual? Sei que podeis ajudar-me!”

Conheceis estes mendigos que, segundo a lei natural, retornam sempre mais famintos, sempre mais perigosos? Conheceis estes vampiros? A Escola de Mistérios os faz retornar da porta oriental. Com amor radiante, mas incompreendidos, eles serão sempre rejeitados para que se engajem nas inevitáveis exigências da verdadeira vida para, assim, na força cósmica, semear o grão áureo em seu próprio ser, para o resgate de muitos.

Os irmãos da Rosacruz estão inteiramente prontos a dar tudo de si. Mas eles não são tolos. Oferecer seus dons a esses mendigos não faz com que esses parasitas se tornem homens. O mendigo permanecerá mendigo até perecer em grande clamor, em seu túmulo de andrajos.

Tal é a lei do cristianismo.

Agora, os charlatões. São, como sabeis, os pseudo-curandeiros. Segundo Johann Valentin Andreae, designam-se aqui os que, por meio de métodos de pseudo-cura, querem ajudar nosso pobre mundo doente. São os que querem percorrer todos os caminhos, embarcar em todos os navios, salvo naqueles que arvoram a bandeira com o signo de Câncer. São os que, na presunção de sua religiosidade e de seus métodos pessoais, consideram a cruz uma loucura. São os que querem lançar pontes acima da decadência sem querer atacar a degenerescência mesma; os que querem tratar sem o único remédio, o remédio absoluto, sem a panacéia que sabe curar a dor mais profunda da humanidade. Tais charlatões podem ser muito humanos, muito compassivos com o próximo, muito zelosos em todas as práticas humanísticas. Porém, jamais um homem desse tipo poderá ser um mago. Um mago purifica o homem com os elementos fogo e água, antagônicos neste mundo: o fogo do Espírito Santo e a água viva do Cristo. Eis por que o charlatão é devolvido da porta oriental.

Em seguida, vêm os cabotinos, os histriões, que avançam em grande algazarra. Se eles fossem, ao menos, como os mendigos, que sentem a fome de seu "nada" corroer as células de seu ser; se fossem, ao menos, como os charlatões que têm, mesmo assim, alguma atividade! Mas eles não são mendigos nem charlatões, eles não são nada. Nada mais são que comediantes, espectros humanos, fatuidades sem esperança! Se ao menos fossem traidores, combatentes da horda negra, poderiam então de algum modo revelar alguma positividade.

Trata-se aqui daqueles de quem o vidente de Patmos diz: "Já que não sois quentes nem frios, mas mornos, eu vos vomitarei de minha boca" (Apocalipse 3: 16).

Esses são os homens que têm conseguido arrastar outros no grande processo de produção e de trabalho deste mundo e que, agora, parasitam este trabalho. São as mulheres que, na última moda, com todos os seus bombons e docinhos, suas fofocas, seus móveis preciosos, jogos de bridge e um marido rico levam uma vida de prostituição dentro do casamento e, ao mesmo tempo, querem dedicar-se ao esoterismo. Trata-se de fazer-vos ver claramente o que significa toda essa comédia e por que tais pessoas não podem entrar pela porta oriental.

Há também os intrometidos que se ocupam de tantas extravagâncias inúteis, de coisas e valores que não são nem essenciais nem verdadeiramente importantes. Perturbando muitos processos de desenvolvimento com suas manias, empregam toda a sua energia no que lhes parece capital, por falta de conhecimento do único necessário. São os que se ocupam de tudo, menos deles mesmos. Aqueles cuja energia aumenta quando descobrem que os outros fracassaram, e isto em qualquer domínio que seja. A palha no olho do próximo não tem nenhuma relação com a trave no seu próprio olho.

E aqueles que se acotovelam diante da porta oriental formam um cortejo quase interminável. Lá existem os exaltados desprovidos do sentido da verdadeira devoção. Conheceis certamente essas pessoas que, com olhos revirados e brilhantes, louvam a filosofia da Rosacruz; que falam dos sublimes ensinamentos sem o menor traço da verdadeira piedade nem da verdadeira devoção. Conheceis

os que fazem dos homens o objeto de sua exaltação. Conheceis essas pessoas que quebram com sua voz cacarejante o silêncio mais sagrado e rasgam as esferas serenas com suas exaltações lacrimosas. Quantos homens e mulheres não são mutilados pela exaltação!

A verdadeira piedade adorna-se de silêncio, de modéstia. A verdadeira devoção conhece-se a si mesma, ao passo que a exaltação é uma forma de sexualidade, de cobiça amorosa insatisfeita. Devemos saber que a devoção é um amor vivido que se satisfaz a si mesmo!

Observando essa multidão desoladora que Andreae descreve, sabemos que lá se encontram também os envenenadores que arruinam a verdadeira alquimia, a qual consiste em tornar livres e conscientes todos os poderes latentes.

Existem ainda outros impostores que se apresentam falsamente como irmãos da Rosacruz. Sabemos que há uma multidão incontável de pessoas que mancham a ciência e a verdadeira cultura com suas práticas péfidas.

Tão certos disso quanto somos conscientes de viver, sabemos que nenhum desses homens poderá fazer a experiência de um novo nascimento na Escola de Mistérios, na cidade santa de Cristianópolis, cuja característica é diferente.

Só os que se libertam desta negatividade por um novo comportamento e uma postura moral podem erguer-se da gruta do nascimento, da porta oriental: regenerados, mas, como uma criança, ainda imperfeitos e débeis. Entretanto, como um novo ser espiritual, em que todas as potencialidades de crescimento estão presentes.

Quando o aluno se prepara assim, é recebido com

alegria pelo guardião do santuário, que lhe diz: *Não há mais, portanto, nenhuma razão para não dispordes de nosso bem!*

Falando assim, ele toma a mão do neófito, guia-o à casa de um dos guardiães e o sacia com comidas e bebidas que farão descer em seu coração uma eterna e bem-aventurada paz.

O SEGUNDO EXAME DO ESTRANGEIRO, QUANTO À SUA PERSONALIDADE

Agora que eu estava vestido com roupas não extraordinárias, porém simples e cômodas, ele me levou a alguns companheiros que me conduziram ao segundo examinador. Este homem parecia ter nascido para fazer qualquer pessoa confessar seus pensamentos mais íntimos e secretos. Respondeu muito amavelmente à minha saudação e fez-me amigavelmente várias perguntas, observando minuciosamente minha atitude e a expressão de meu rosto. Mais sorridente que grave, informou-se, de passagem, a respeito de meu país natal, minha idade e meu modo de vida.

Trocamos algumas gentilezas e ele disse-me: "Sem dúvida alguma, meu amigo, chegastes aqui conduzido por Deus, a fim de aprender se é sempre necessário fazer o mal e viver segundo os costumes dos bárbaros. Provar-vos-emos, desde hoje, que isto de modo nenhum é necessário, assim como o mostraremos, um dia, a todos os homens. E nós o faremos com tanta maior alegria quanto vossa natureza e vosso destino a isso excelentemente se prestem e possuais para isso um coração aberto. Se sois efetivamente guiado por Deus, de tal modo que

estejais livre das cobiças da carne, não duvidamos mais que sois já um dos nossos e permanecereis para sempre”.

Falando assim, tinha eu a impressão de que ele estudava tão profundamente a serenidade do meu ser, a expressão do meu rosto, a exatidão das minhas palavras, a tranqüilidade do meu olhar, toda a minha atitude, que me parecia capaz de sondar meus pensamentos mais secretos. Mas o fazia de modo tão afável e com tanta consideração que eu nada podia ocultar-lhe e tinha o sentimento de poder confiar-lhe tudo.

Depois de ter assim desnudado minha alma, disse-me, enfim, algumas palavras de ciência, terminando com as seguintes: “Meu amigo, perdoai a maneira tão pouco sábia com que conversei convosco. Não desanimeis, pois em nossa comunidade achareis pessoas altamente instruídas na ciência e na cultura”.

Ao mesmo tempo ordenou a um subordinado que me acompanhasse ao terceiro examinador. Deu-me a mão, em sinal de adeus, insistindo para que eu fosse confiante; mas eu pensava comigo mesmo: “Que o céu me ampare! Se eles consideram esta conversação pouco sábia, o que deverá suceder-me?”

IV

O EXAME DA PERSONALIDADE DO NEÓFITO

Expusemos, muitas vezes, aos alunos da Rosacruz, que a Escola de Mistérios encontra-se no centro de um campo de força que é tanto maior quanto mais forte é a Escola de Mistérios. O raio de ação da Rosacruz cresce, portanto, na medida em que obreiros mais aptos e mais numerosos possam ser admitidos no coração dos Mistérios.

O homem que, atormentado pela vida deste mundo, nele não encontra mais satisfação e para quem a religiosidade exotérica, a ciência ou a arte não apresentam mais atrativos, disso não podendo mais retirar consolação nas cruéis provas de seu aprisionamento terrestre; o homem que, ao atingir um estágio ou fase quase desesperadora, é consumido por uma nostalgia intensa da verdadeira vida; quando ele se entrega à busca com toda a energia que nele existe, este homem entra em contato com o campo de força da Escola de Mistérios.

Este homem torna-se então consciente, se bem que oniricamente, de um novo meio de vida. Um pequeno raio de Luz perfura a negra noite de sua existência e encontra seu coração, ligando-se a seu ser e propulsando-o

na direção de um objetivo ainda desconhecido. A partir deste momento, sua vida torna-se surpreendente e seu caminho parece estranho. Ele é arrastado, através das vagas agitadas do oceano da vida, pela Luz que o toca.

É muito possível que o candidato se afogue! Mas se ele voga com seu pavilhão encimado pelo signo de Câncer, isto é, se, colocado ao pé da cruz, ele se liga ao sangue do coração de Cristo, se ele está pronto a seguir seu mandamento — “Vai, vende tudo que possúfs... e segue-me!” — é certo que ele chegará à Caphar Salama, isto é, que ele penetrará até o círculo exterior do núcleo da Escola de Mistérios.

Será, então, recebido pelo guardião do santuário e um múltiplo exame de suas aptidões começará. Efetivamente, revelado o alvo dos Mistérios, só podem ser admitidos aqueles que são totalmente dignos. Na senda para a porta oriental de Cristianópolis — uma porta oriental é uma ascendência, pois a entrada na cidade santa deve ser vista como um novo nascimento na luminosa claridade de uma nova realidade divina — o hierofante explica-lhe que ninguém pode entrar se não possuir olho imparcial, língua refreada e comportamento justo. O que isto significa já vimos no capítulo anterior.

Chegado à porta oriental, o candidato é recebido pelo guardião desta porta, que o interroga a respeito de seu modo de vida e postura moral, antes de deixá-lo entrar. Também já falamos e vimos que se trata de uma prova muito grave, que todo o neófito deve suportar sem descanso. Johann Valentin Andreae desenvolve aqui a mesma idéia que se encontra em suas *Bodas Alquímicas*. Quando Cristão Rosacruz recebe o convite para as bodas,

convite ardentemente e há tanto tempo esperado, descobre que não se trata de uma alegre marcha triunfal, mas que ele é chamado a julgamento

Tendo passado no primeiro exame, ao neófito é permitido transpor a porta. É conduzido a uma casa onde lhe oferecem comidas e bebidas. Sua fome de vida já um tanto apaziguada, proporcionam-se-lhe então novas vestes que não são vistosas, mas são cômodas e perfeitamente convenientes, em total harmonia com as faculdades nele mesmo desenvolvidas.

Compreendeis, sem dúvida, essa linguagem velada: vossos veículos formam a veste do Espírito. Geralmente, esta vestimenta é demasiado imperfeita, até mesmo inestética, e em todo o caso muito danificada por vossa transgressão das leis da vida. Mas, quando a porta oriental do centro de forças se abre, outras vestes vos são proporcionadas. Estas vestimentas não vos apertam como o faria uma camisa de força, mas dão maior liberdade. E, prestai atenção, não são de maneira alguma vistosas nem foram concebidas por um esteticista esotérico.

Chegado até lá, o candidato é posto, então, diante de outro examinador e o segundo exame começa. Andrae dele diz:

Este homem parecia ter nascido para fazer qualquer pessoa confessar seus pensamentos mais íntimos e secretos. Respondeu muito amavelmente à minha saudação e fez-me amigavelmente várias perguntas, observando minuciosamente minha atitude e a expressão de meu rosto. Mais sorridente que grave, informou-se, de passagem, a respeito de meu país, minha idade e meu modo de vida.

Tudo isto é bem simples, não achais? Alguma coisa

como: "Posso ver seu passaporte?" Contudo, essas perguntas não são anódinas, embora o pareçam. "Qual é vosso país natal?" Imaginai um instante que, no limiar de Cristianópolis, esta pergunta vos seja feita. Compreendei, então, que se vos solicita expor o que motivou vossa viagem ao centro de forças da Escola de Mistérios. Poder-se-ia, por exemplo, responder assim: "Atendi a um anúncio e descobri, continuando minha busca, que as doutrinas da sabedoria ocidental eram de nível excepcional".

Mas, bem poucos poderão apresentar seu país natal como sendo um intenso desejo apaixonado de luz, como uma ardente prece para possuir a força de ajudar outras almas humanas abatidas por profundo desespero.

"Que idade tendes?" Há quanto tempo viveis nas coisas que são do Pai? Há quanto tempo tendes dado testemunho, neste mundo, do reino de Deus? Atenção, pois! Vossa verdadeira vida de filho do povo de Deus somente começa quando compreendeis vossa vocação interior e a viveis neste mundo. Quanto tempo concedeis ao que é eterno? Tendes já alguns anos de existência neste sentido? Que fareis em Cristianópolis se não tiverdes idade no que concerne a essa nova ordem?

"Qual é vosso modo de vida", segundo a velha e a nova fórmula? Compreendeis que esta pergunta tem um sentido muito profundo? Que vossa resposta é muito importante e que o examinador observa, em consequência, minuciosamente, vossa atitude e a expressão do vosso rosto durante vossa resposta? Eis por que o hierofante diz ao neófito:

Sem dúvida alguma, meu amigo, chegastes aqui conduzido por Deus, a fim de aprender se é sempre

necessário fazer o mal e viver segundo os costumes dos bárbaros. Provar-vos-emos, desde hoje, que isto de modo nenhum é necessário, assim como o mostraremos, um dia, a todos os homens. E nós o faremos com tanta maior alegria quanto vossa natureza e vosso destino a isso excelentemente se prestem e possuais para isso um coração aberto. Se sois efetivamente guiado por Deus, de tal modo que estejais livre das cobiças da carne, não duvidamos mais que sois já um dos nossos e permanecereis para sempre.

Muitos dos que se aproximam da Rosacruz, com o coração verdadeiramente aberto, estão inquietos, pois conhecem e experimentam, em suas vidas, o dilaceramento. Sabem que, segundo o significado mágico, suas "idades" são, ainda, ínfimas, embora já sejam muito velhos segundo o mundo. Apesar de chamados pelo Senhor, balbuciam ainda palavras sem nexos, adormecidos em seus berços, conquanto, de acordo com os critérios dos bárbaros, sejam muito refinados e eloqüentes.

Conheceis este dilaceramento e a grande tristeza que disto resulta? Não estais constrangidos de servir diariamente a dois senhores: Deus e o demônio negro? O verdadeiro aluno da Rosacruz sabe que faz diariamente o mal, que vive segundo o costume dos bárbaros, no colete de chumbo do hábito. Quando sofreis os horrores deste mundo, não é vossa alma, cada dia, atravessada por um gládio, sabendo bem que sois co-responsável? Também vossa alma não clama pela libertação? Não há em vós, nesta noite negra, uma busca desesperada?

Não há, então, um arrebatamento, um bálsamo que

vos ajuda e consola, quando o hierofante diz: “Amigo, provar-vos-emos — entendei bem — provar-vos-emos que não é necessário fazer o mal e viver de acordo com os costumes dos bárbaros, como o mostraremos mais tarde a todos os homens numa ordem teocrática”?

Sem dúvida alguma, estais, ainda, segundo o vosso novo nascimento, no sombrio estábulo da natividade, envolvido em fraldas. Embora estejais ainda, em vossa primeira idade, e considerando que nesta primeira juventude não tendes, ainda, nenhum controle de vós mesmos, chegastes, no entanto, em vossa velhice, pelos caminhos de Deus, a um novo nascimento.

Os hierofantes dos Mistérios que, fora, nos campos, velam, durante a noite, o seu rebanho, vêm a vós e dizem: “Saudações, recém-nascidos, não duvidamos que sejais dos nossos e que permaneceréis para sempre”. Assim falando, eles observam minuciosamente a serenidade do vosso ser, a expressão do vosso rosto, a tranqüilidade do vosso olhar e a precisão das vossas declarações; sim, toda a vossa atitude, penetrando até vossos mais secretos pensamentos.

Trata-se de descobrir o que trazeis do velho Adão, do vosso antigo dilaceramento, dos costumes dos bárbaros, por ocasião do vosso renascimento. É realmente necessário que o aluno desperte para o novo nascimento por uma renovação total do sangue. Vosso sangue é a base de vossa consciência. Tudo o que fazeis em vossa vida realiza-se pelo sangue. E, quando entrais num novo estado, este deve ser, também, trazido por uma purificação e uma renovação do sangue.

Vosso sangue possui sete forças e sete características

que representam as qualidades dos sete veículos do homem e o testemunham. Vosso tipo sanguíneo é, pois, fiel reflexo de todo o vosso ser e ninguém pode entrar na Escola de Mistérios se não tiver, por ele, testemunhado sua qualidade. O equilíbrio do vosso ser, a expressão do vosso rosto, a tranqüilidade do vosso olhar, a precisão das vossas declarações; sim, toda a vossa atitude deve celebrar, por uma nova certeza do sangue, uma ressurreição, um novo nascimento na velhice.

Como é possível despertar tal renovação sétupla do sangue fora dos usos e costumes dos bárbaros e do mal de vossa antiga vida?

Existe somente um meio, uma só possibilidade: a força de Cristo, que derrama Sua força sanguínea, Seu campo de força sétuplo, em vosso deperecimento, para que, por Ele, n'Ele e com Ele, torneis novas todas as coisas. Pois Deus tanto amou o mundo que enviou Seu Filho único ao meio dos bárbaros, a fim de que quem quer que n'Ele creia não pereça, mas tenha a verdadeira vida nova.

E quando Ele tomou a taça, depois da ceia, disse: "Esta taça é a nova aliança em meu sangue que é derramado por vós. Bebei todos!"

*Põe-me como um selo sobre teu coração,
como um selo sobre teu braço,
pois o amor é forte como a morte,
seus ardores são ardores de fogo,
uma flama do eterno.
As grandes águas não podem extinguir o amor,
nem o rio submergi-lo.*

*Volta, volta, ó Sulamita,
para que possamos ver-te!*

E Jesus disse: *Consummatum est*. E, baixando a cabeça, entregou o espírito.

O TERCEIRO EXAME DO ESTRANGEIRO:

O CONTROLE DO SEU GRAU

DE CIVILIZAÇÃO

Quando cheguei desta vez à casa dele, fui recebido com tanta amabilidade quanto por ocasião da minha última visita. Pois devo dizer, de uma vez por todas, que não existe aqui nem arrogância nem orgulho. Entretanto, desde que ouvi este homem falar, senti-me mais envergonhado que nunca. Tinha, como Sócrates, a sensação de nada saber, mas em outro sentido. Quantas vezes lamentei ter falado de literatura! Num tom muito agradável, perguntou-me em que medida tinha eu aprendido a dominar-me e a por-me a serviço de meu próximo, a resistir ao mundo, a estar em harmonia com a morte e a seguir o Espírito; que progressos tinha eu feito na observação dos céus e da Terra, no exame preciso da natureza, nos instrumentos de arte, na história e origem das línguas, da harmonia do mundo inteiro.

Perguntou-me, ainda, quais eram minhas relações com a comunidade religiosa, com as Santas Escrituras, com o Reino dos Céus, com a Escola do Espírito, com a Fraternidade de Cristo, com a Comunidade de Deus. Com espanto, notei quão pouco daquilo que é ofertado ao homem, com tanta generosidade e abundância, fazia

verdadeiramente parte de mim mesmo. A única coisa que me restava fazer, em tal circunstância, era confessar sinceramente, e respondi: “Eminente Senhor, todas essas coisas me são completamente desconhecidas e jamais nelas fui instruído. Mas posso assegurar-vos que tenho estado muitas vezes preocupado com elas e, desejoso de conhecê-las, usei aproximar-me daqui”.

Então, ele exclamou, quase gritando: “Sois dos nossos, vós que nos trazeis uma ardósia imaculada, como que lavada pelo próprio mar. Só nos resta orar a Deus para que Ele grave em vosso coração, com Seu santo estilete, aquilo que, de acordo com Sua sabedoria e Sua bondade, se revelará para vós. Em verdade, agora, contemplareis nossa cidade em todas as suas minúcias. Quando retornardes, nós ouviremos o que quiserdes ainda perguntar-nos e responder-vos-emos, desde que estejamos mentalmente preparados e aptos”. E ele me fez acompanhar de três homens – Béeram, Eram e Neá-riam – cujos portes demonstravam dignidade, os quais me conduziram a toda a parte e me mostraram tudo.

V

O EXAME DO GRAU DE CIVILIZAÇÃO DO NEÓFITO

Antes que seu acesso a Cristianópolis, ao novo estado da Escola de Mistérios, que se manifesta em todas as dimensões do cosmos, possa ser posto em questão, o neófito submete-se a um triplo exame. Já vos falamos de dois aspectos deste exame e resta-nos considerar o do estudo de seu nível de civilização.

Permiti primeiramente dizer-vos, sem rodeios, que, numa Escola de Mistérios, este grau de evolução é avaliado conforme outros critérios que não os do mundo. Nas relações sociais atuais considera-se que alguém é muito civilizado simplesmente quando goza de bem estar material. Assim, se amalhastes bastante dinheiro, podeis cercar-vos de tudo que a técnica e a arte produzem, de tudo que o dinheiro permite adquirir.

Pensai, por exemplo, num confeitiro. Conhecemos um que começou juntando pão velho, como o faz um camponês para seus porcos. Ele secava esse pão velho, moía-o e misturava-lhe açúcar. Essa mistura permitiu-lhe confeccionar seus primeiros doces e desenvolver-se rapidamente. A este primeiro estágio de civilização seguiu-se um segundo estágio. Que se passou?

Quando os negócios do nosso confeitiro prosperaram segundo seu coração, instalou ele sua família em outro meio; do pequeno apartamento, sem identificação, num lugar qualquer do bairro, passou a uma casa com jardim. A arrumação interior foi renovada e admitido um empregado. Senhor e senhora passaram a interessar-se por assuntos aos quais, dantes, não davam atenção; eram as relações sociais impondo suas próprias leis.

Neste "magnífico" clima, os filhos do confeitiro cresceram e receberam boa educação. Frequentaram escolas elementares muito cotadas; depois, colégios, e os mais inteligentes foram para a universidade. Destarte, graças à confeitaria, nasce, na segunda geração, a cultura intelectual. Mas esta segunda geração cultivada não permanece no artesanato. Bem preparada e dotada de uma carteira bem guarnecida, ela parte para a aventura a fim de difundir a civilização. Na época, isto era muito possível nas Índias ou em outro território longínquo.

A primeira geração forja a civilização; a segunda, a propaga. A fabricação de doces ou de outros produtos permite adquirir um primeiro estágio de civilização; o intelecto, um segundo. O primeiro procede de um labor encarniçado e é de ordem material; o segundo, o intelectual, é chamado "cultura do espírito". Mas, se bem que mais proveitosa e mais sadia, esta última cria um grande caos, o qual se manifesta na terceira geração, a dos netos do confeitiro. Ainda mais intelectualizados e civilizados, sua sede de cultura não conhece mais limite.

Surge, então, aqui, a dificuldade: há muitos propagadores da civilização, mas, praticamente, muito mais domínios incultos... Os inumeráveis "confeitiros" de

todos os países engendraram uma terceira geração tão numerosa quanto os grãos de areia do mar. Não há mais escolas para aumentar seu grau de civilização. Eis por que vemos, no nosso mundo, reaparecerem terríveis fenômenos atávicos de uma época bem anterior àquela de nosso confeitoiro. Este atavismo nós o designamos por um eufemismo, "procura de espaço vital"; porém, vós o sabeis, trata-se, desde sempre, da mesma coisa.

Esta é a cultura de massa! E, se arrancardes a máscara, descobrireis que vós mesmo sois, ou vossos antepassados foram ou são, ainda, confeitores. Alguns dentre vós, ou vossos ancestrais, conseguiram confeccionar seus doces; outros estão, ainda, ocupados em fazê-lo. Chamamos a isso "luta pela existência".

Não nos esqueçamos que, nessas três gerações de civilizadores, inumeráveis são aqueles que estão também moldados pela religião. É orando, olhos nos céus, que eles aperfeiçoam sua cultura e sua civilização. Mas, notai bem, quando falamos aqui de religião, consideramos outra coisa que não a religião dos confeitores.

Eis do que se trata. Na primeira geração, os enérgicos obreiros praticam um pouco, e bem, a religião, geralmente, a do nascimento. Mas nesta geração há pouquíssimo tempo para a religião, por estarem demasiadamente ocupados na fabricação dos doces. Ora, quando passam para a casa individual, com jardim, tudo muda. Vão, agora, explorar suas necessidades religiosas por intermédio de seus filhos.

É certo que, pelo menos, um filho do confeitoiro consagrará sua vida ao sacerdócio. Todos os nossos teólogos são filhos de confeitores, de conformidade com

a civilização do confeitiro. E os teólogos da terceira geração, os netos do confeitiro, com todos os seus colegas intelectuais, sentem-se em aperturas.

Começam a perceber que algo não vai bem na religiosidade... Lançam-se, pois, em discussões intermináveis e desenvolve-se uma tendência a retornar à situação dos avós. Não querendo confessar que nada sabem, que estão afundados até o pescoço no pântano de sua cultura do velho pão, preferem falar de "teologia dialética*". E isso é mais elegante!

Entretanto, não se trata aqui da filosofia dialética segundo Hegel. Senão eles saberiam que isso acabaria mal para todos os confeitiros da primeira, segunda e terceira gerações. Isto é a história de nossa civilização, de toda a civilização da Europa Ocidental.

Nesta parte do mundo, fala-se freqüentemente de um "rearmamento moral e espiritual". Esta idéia de rearmamento espiritual provém da miséria e da realidade de nossa civilização. Eis por que vos dizemos que, se não quisermos que este rearmamento espiritual seja vão e vazio, devemos libertar-nos totalmente das ilusões desta civilização de aparências.

Tal não acontecerá sem sofrimento. Porquanto, do mesmo modo que os habitantes das favelas e dos pardieiros dos subúrbios deslizam, privados de sol, semelhantes às sombras, através da vida; assim como as glândulas de secreção interna funcionam mal, em conseqüência de más condições de crescimento e de taras hereditárias, ocasionando numerosas imperfeições físicas, morais e espirituais; de modo semelhante, nossa aparente civilização danificou severamente o poder de assimilação

espiritual, moral e física de todos, inclusive os de boa vontade e os mais honestos. Os que predominam nesta sociedade, os que se consideram flor da sociedade são, segundo os critérios divinos, fracos, no sentido espiritual.

Quando o neófito chega, pois, diante do terceiro hierofante dos Mistérios, é recebido com tanta amabilidade quanto para o segundo exame. Não há arrogância nem orgulho numa Escola de Mistérios. Mas, desde que ouve o hierofante falar, sente-se mais envergonhado que nunca. Ele, como Sócrates, mas num outro sentido, "nada sabe". Profundo sentimento de ignorância invade o candidato, que lamenta muito sentir-se autorizado a pensar que jamais soube o que quer que seja. E, nesta fase de tomada de consciência de sua vacuidade, propõe-se-lhe uma série de questões. Segundo o testemunho de Johann Valentin Andreae, o hierofante pergunta:

- 1- em que medida o neófito aprendeu a dominar-se e a dedicar-se ao serviço de seu próximo;
- 2- se resistiu ao mundo, se se harmonizou com a morte e o Espírito;
- 3- que progressos fez na observação dos céus e da Terra, no exame preciso da natureza, nos instrumentos de arte, na história e origem das línguas, na harmonia com o mundo inteiro;
- 4- quais são suas relações com a comunidade religiosa, com as Santas Escrituras, com o Reino dos Céus, com a Escola do Espírito, com a Fraternidade de Cristo, com a Comunidade de Deus.

Sem dúvida, esperais agora que vos introduzamos nesta revelação incomensurável, nesta profundeza inson-

dável de conhecimento e de amor que subentende este sistema quádruplo! Não o faremos, porque não estamos habilitados para fazê-lo.

Trata-se aqui de uma breve apresentação do conjunto do ensinamento esotérico da Rosacruz. Esta sabedoria é um oceano de saber no qual se pode mergulhar, sobre o qual se pode vogar num encantamento dos sentidos, pelo qual se pode atingir certos objetivos, realizar certos desígnios. Mas quem poderá abraçar inteiramente a grandeza majestosa deste oceano?

E quando o hierofante dos Mistérios nos fala destes quatro pilares da Casa de nosso Deus, nós nos apercebemos, com dolorosa estupefação, quão pouco possuímos destas coisas grandiosas que podem ser ofertadas tão abundante e generosamente ao homem. Quem poderá, então, satisfazer às exigências deste exame? A única coisa que o neófito pode fazer, em tais circunstâncias, é confessar sinceramente, respondendo:

Todas essas coisas me são completamente desconhecidas e jamais nelas fui instruído. Mas posso assegurar-vos que tenho estado muitas vezes preocupado com elas e, desejoso de conhecê-las, usei aproximar-me daqui.

Sois capaz de tal confissão? Ou isto será, em vosso caso, modéstia simulada, mentirosa, a fim de poder, por uma habilidade aprovada pela civilização intelectual, entrar, assim mesmo, em Cristianópolis? É preciso estar enobrecido para tão bela confissão!

Quem de vós, civilizadores civilizados, experimenta até o recôndito de seu ser que nada sabe da revelação gloriosa do plano divino para o mundo e a humanidade? Para chegar ao mais profundo de vós mesmo, a esta confissão,

é preciso ter experimentado que o conhecimento, resultado da civilização de três gerações de pequenos burgueses, é uma pedra em vosso pescoço, um perigo assustador e uma mentira espantosa.

Muitos não querem reconhecer que não receberam nenhuma instrução no que concerne aos divinos mistérios da salvação. Numerosos são aqueles que não podem reconhecê-lo porque seu ser está cego e intoxicado pela falsa civilização. Chegam diante da porta da Rosacruz com suas missangas intelectuais e civilizadas. Eles são não somente incorretos mas, terrivelmente grosseiros e de uma extrema insolência. Não procuram a libertação, não estão consumidos pelo amor ao próximo, porém procuram mais "espaço vital" para sua teimosia e auto-conservação, a fim de poder comer ainda mais resíduos de nossa civilização. E talvez haja ainda alguma coisa a tirar de Cristianópolis!

Se, conosco, tomais consciência desta consternante miséria, deste túmulo cheio de ossadas e de vermes, nascerá em vós esta luta interior, esta aspiração intensa a atingir "outra coisa" e conhecê-la. Não um conhecimento no sentido intelectual, mas um grito do coração: "O Deus dai-me a Luz, pois sufoco neste fogo do inferno!"

Conheceis essa tensão interior e esse desejo sequioso? Não é muito bom para vossa saúde! Faz sentir-vos um estrangeiro! E em vosso desassossego pode, então, acontecer que vos saibais rodeado de auxiliares e que escuteis uma voz dizer: *Que Deus te guarde, estrangeiro!*

Isto vos enche de energia e vos encoraja a empreender a tarefa, para testemunhar de vosso estado de estrangeiro em nome de Cristo, para difundir o apelo de bondade

de, verdade e justiça no meio dos lobos e para elevar-vos através da vida verdadeira até o campo de força dos Mistérios.

Então, chegando diante da porta, diante do terceiro hierofante e seu impressionante exame quádruplo, baixais a cabeça humildemente, cheio de vergonha, e levado pela força de vossa sinceridade e conhecimento de si mesmo, deveis testemunhar: "Não havia em mim senão luta violenta e desejo intenso de compreender; no entanto, apesar de minha insignificância, tive coragem de agarrar a arma do Espírito que se ilumina em Cristo e de chamar "às armas". Entretanto, todas essas coisas que me apresentais são-me totalmente desconhecidas; jamais nelas fui instruído de modo nenhum".

Quereis desviar-vos, porque experimentais vossa impotência; mas, ao mesmo tempo, sois tocado por um grito de júbilo. O hierofante exclama: "Irmão, irmã, sois dos nossos, vós que nos trazeis uma ardósia imaculada, como que lavada pelo próprio mar. Só nos resta orar a Deus para que Ele grave em vosso coração, com Seu santo estilete, aquilo que, segundo Sua sabedoria e Sua bondade, se revelará salutar para vós".

Não vós, mas Deus em vós! Inteiramente liberto da ilusão, tendo fome do pão da vida! Sois consciente de vossa ignorância, e isto na maior modéstia. É a última chave da porta de Cristianópolis. Lá desejareis perder-vos a vós mesmo e sofrereis derrota; lá, a vitória faz ressoar suas trombetas: "Em verdade, agora podeis contemplar nossa cidade em todas as suas minúcias. Podereis verdadeiramente dessedentar-vos na força e na essência da Escola de Mistérios, a fim de que possais, nesta força,

destruir o ímpio”.

O hierofante far-vos-á acompanhar de três homens, Béeram, Eram e Néariam, que devem conduzir-vos a toda a parte e mostrar-vos tudo.

Béeram, Eram e Néariam, ó dádiva de Deus, ó incomensurável amor, ó consolo na solidão!

Béeram, raio divino em vós, preenchendo-vos com suprema beatitude: a experiência consciente da ligação eterna com os Filhos de Deus é restabelecida em Cristo.

Eram, receptividade ilimitada às claridades luminosas e ao saber universal de Cristianópolis.

Néariam, inflamado por uma poderosa força, a fim de transmitir e confirmar, num mundo curvado sob a culpa, o que foi recebido e aí gravá-lo, como participante de um rearmamento espiritual.

Assim é que sois armado cavaleiro do Templo Branco. Deus te proteja, estrangeiro!

DESCRIÇÃO DA CIDADE

Começarei por descrever-vos o aspecto da cidade e esforçar-me-ei para não cometer erros! Sua forma é a de um quadrado, cujos lados atingem setecentos pés, bem fortificado por quatro torres e uma muralha. Conseqüentemente, a cidade está orientada na direção dos quatro pontos cardinais da Terra. Oito outras torres, muito sólidas, distribuídas pela cidade, aumentam seu poderio. Ainda há dezesseis torres de menor importância, mas que é preciso não negligenciar. Em seu centro encontra-se uma fortaleza quase inexpugnável.

As construções estão divididas em duas fileiras, ou, se considerarmos a sede do governo e os entrepostos, em quatro fileiras. Existe somente uma rua pública e apenas uma praça de mercado, mas são de grande importância. A partir da rua mais interna, cuja largura é de vinte pés, e indo na direção do centro, a fileira de casas, os jardins, a universidade e a praça têm, sucessivamente, vinte e cinco, trinta, trinta e cinco, quarenta e quarenta e cinco pés de largura; portanto, cinco pés a mais cada vez, até o templo circular, no centro, que tem um diâmetro de cem pés. Partindo da rua interna para o exterior, vinte pés sepa-

ram, entre si, os espaços intermediários, os entrepostos e a fileira de casas. A muralha mede vinte e cinco pés.

Todas as construções possuem três andares, ligados por escadas comuns. São feitas de tijolo e separadas umas das outras por uma parede incombustível, de tal sorte que um incêndio não possa provocar graves danos. Águas de fontes e águas correntes encontram-se em abundância, tiradas de poços naturais ou trazidas por canalizações. O aspecto exterior é agradável, sem extravagância, limpo e sem decrepitude. Tomou-se cuidado para assegurar ar fresco e ventilação em toda a parte. Cerca de quatrocentos cidadãos vivem aqui juntos, em paz e piedade. Falaremos de cada um em particular.

Os fossos, em torno da cidade, têm a largura de cinquenta pés e estão cheios de peixes, de maneira que, em tempo de paz, possam ter, também, sua utilidade. Nos campos, acham-se animais selvagens, não para o prazer, mas para fins utilitários. A cidade inteira está dividida em três partes: uma, destinada ao fornecimento de alimentação; outra, ao ensino e ao exercício; e a última, às cerimônias. O resto da ilha destina-se à agricultura e à indústria.

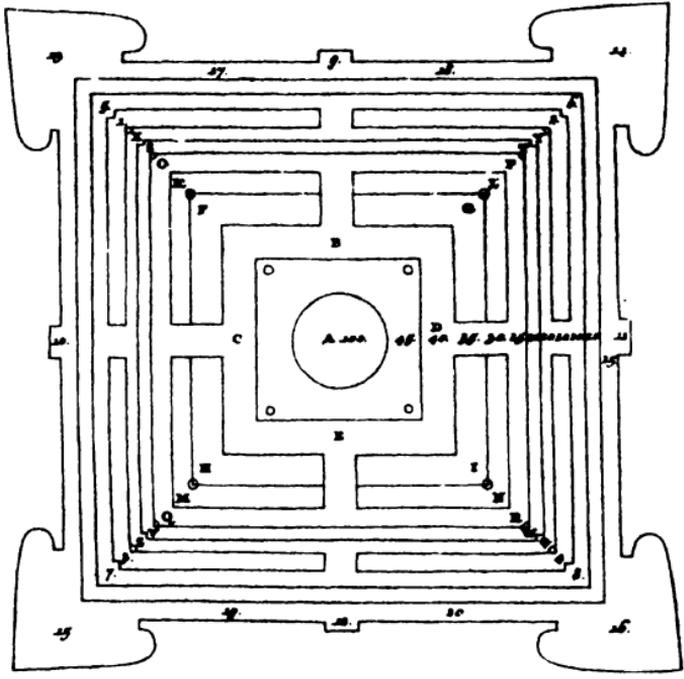
Expus tudo sobre o plano. Devemos, agora, emprender um passeio pela cidade.

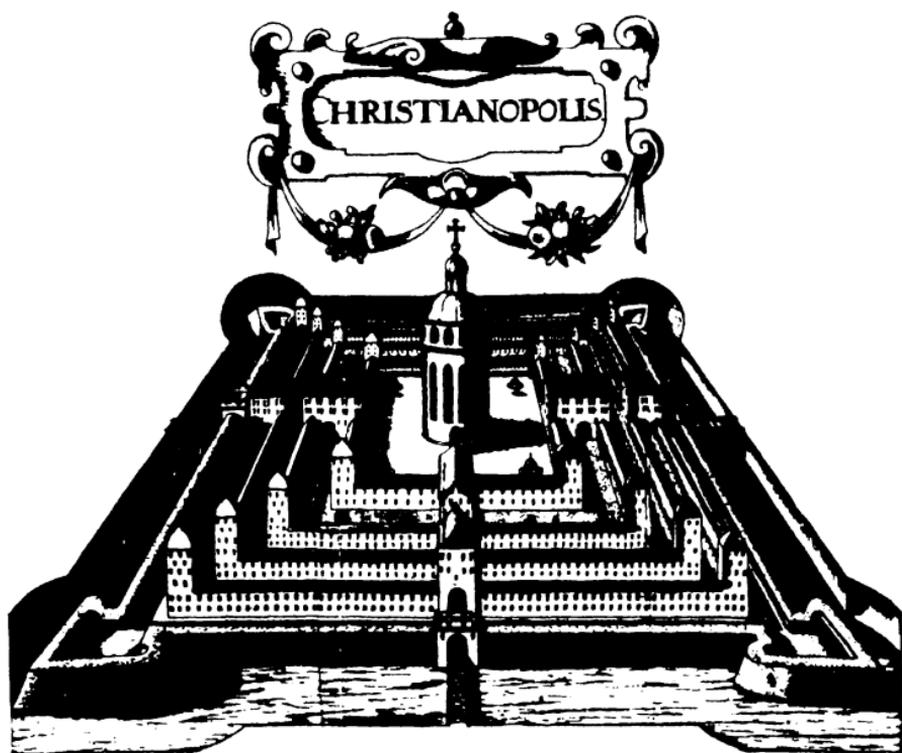


Johann Valentin Andreae.

Jean Valentin Andreae na idade de 62 anos

A	Templum cum Pyramo.	1. 2. 3. 4.	Horah.
B C D E	Collegium.	5. 6. 7. 8.	Officina et promuarie.
F G H I	Horah Phisicus.	9. 10. 11. 12.	Quatuor porta.
K L M N	Horah Loricum.	13. 14. 15. 16.	Quatuor propugnacula.
O P Q R	Interior series aditus Civitatis.	17. 18. 19. 20.	Penuria.
S T V	Publica platea.	o o	Loca fortium.
X Y Z	Exterior series aditus.		





Vista de Christianópolis

A	<i>Templum cum Prytaneo</i>	Templo e Pritaneu
B C D E	<i>Collegium</i>	Colégio
F G H I	<i>Hortus Physicus</i>	Jardim botânico
K L M N	<i>Hortuli Civicum</i>	Jardim público
O P Q R	<i>Interior series aedium civicarum</i>	Fileira interior das residências reservadas aos cidadãos
S T V	<i>Publica platea</i>	Vias públicas
X Y Z 0	<i>Exterior series aedium</i>	Fileira exterior das residências
1 2 3 4	<i>Hortuli</i>	Pequenos jardins
5 6 7 8	<i>Officinæ et promptuaria</i>	Oficinas e celeiros
9 10 11 12	<i>Quatuor portæ</i>	Quatro portas
13 14 15 16	<i>Quatuor propugnacula</i>	Quatro muralhas
17 18 19 20	<i>Pomeria</i>	Subúrbios*
0 0	<i>Loca fontium</i>	Fontes

*Regiões fronteiriças sagradas, no interior e no exterior da muralha, que não devem ser cultivadas nem trabalhadas.

VI

DESCRIÇÃO DA CIDADE DOS MAGOS

Quando o neófito emerge do oceano da purificação ígnea das tentações e das provações e os guardiães do santuário dos Mistérios permitem sua entrada na cidade dos magos da ilha Caphar Salama, ele é levado a um estado sublime e como que transpassado por uma poderosa força.

Um éter puro enche seus pulmões, seus pés pisam uma terra nova e, por cima de sua cabeça, desdobra-se um novo céu, pois que a primeira terra, onde ele cumpriu sua peregrinação, em dores e lágrimas, e o primeiro céu, para o qual levantou as mãos em aspiração ardente, passaram.

E Aquele que está sentado no trono disse: "Meu irmão, faça novas todas as coisas". Aquele que está sentado no trono disse ainda: "Escreve, pois minhas palavras são fiéis e verdadeiras".

A Cidade dos Mistérios tem a forma de um quadrado, cujos lados atingem setecentos pés; está fortificada por quatro torres e uma muralha. Conseqüentemente, a cidade está orientada na direção dos quatro pontos cardeais da Terra. Oito outras torres, muito sólidas, distribuídas pela cidade, aumentam seu poderio. Ainda há

dezesseis torres de menor importância, mas que é preciso não negligenciar. Em seu centro, encontra-se uma fortaleza quase inexpugnável.

Quando o vidente de Patmos nos descreve a Cidade Santa descendo do céu, em seu Apocalipse, ele diz: "Aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas e o seu muro. E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura".

Podemos deduzir que a Escola de Mistérios, como a Jerusalém celeste, isto é, a manifestação da ordem divina na corrente de vida humana, toma a forma de um quadrado, no mundo atual dos fenômenos.

A astrologia materialista ensina-nos a temer o quadrado. Um tema que comporta numerosas quadraturas é considerado como uma situação maléfica. Se tiverdes paciência para percorrer a literatura consagrada a esses assuntos, descobrireis que os perigos dos quadrados ali estão abundantemente explicados. Esta maneira de ver alegra-nos muito, pois prova, claramente, quanto o compêndio de nossa vida, a santa Bíblia, e os ensinamentos dos rosacruzistas clássicos separam-se do materialismo ocultista, que nos é proposto, freqüentemente, como ciência astrológica, às vezes revestida de um verniz religioso.

Temos a honra de dizer-vos que o ensinamento da Rosacruz não tem nenhuma ligação com esta forma moderna de paganismo. A astrofísica da Rosacruz fundamenta-se, totalmente, em outras bases.

Gostaríamos de definir o quadrado — que simboliza um ângulo de noventa graus — como o aspecto da huma-

nidade no qual irradia a missão completa do homem, em radiante harmonia com o plano divino.

O reino divino, que deve ser construído por mãos, cabeças e corações dos homens, não é deste mundo, e não podendo em caso algum adaptar-se aos comportamentos de vossa cultura degenerada, opõe-se, diametralmente, à vossa natureza inferior. Eis por que as irradiações do quadrado, que dia e noite vos tocam, provocam tensões insuportáveis na matéria, na vossa matéria.

Apela-se então à ciência astrológica, a fim de poder medir, no tempo, o efeito demolidor dessas irradiações; não para satisfazer às suas exigências nem para responder ao seu apelo, mas para escapar de sua influência, para submetê-los à velha e malfazeja serpente, que se espoja, sempre e ainda, na lama deste mundo.

Compreendeis que isto é magia negra e que estudar "a rota", como mencionam os rosacruzistas, deve ser, totalmente, outra coisa? Descobris, agora, que a Escola de Mistérios, como reflexo da Jerusalém celeste, manifesta-se, nesta matéria, na forma de um quadrado e que por isso deve ser para cada homem uma pedra de tropeço? Descobris, agora, que, se quiserdes explorar essas irradiações, as provas tornar-se-ão vosso quinhão?

Jesus Cristo, Nosso Senhor, Revelador de Deus entre os homens, tornou-se uma pedra de tropeço e é dito a esse respeito: "Naquela noite, escandalizaram-se n'Ele". Do mesmo modo, muitos tropeçam na Escola de Mistérios, porque não queremos trair a Cidade Santa, porque não queremos prostituir seus valores no meio desse paganismo civilizado.

O materialista curva-se, medrosamente, sob as

irradiações do quadrado e seus membros contorcem-se de dor corporal, moral e espiritual. Em sua busca de libertação, ele torna-se ainda mais sensível aos tormentos divinos e suas contorções demonstram quanto ele renega sua vocação de Filho de Deus.

A história se repete. Assim como a Caldéia e o Egito viram a ciência oficial voltar-se para a astrologia materialista e lá perecer nos vapores de sangue, do mesmo modo, em nossos dias, percorre-se, lentamente, o mesmo caminho. Cada vez mais indivíduos com educação científica aplicam a astrologia às suas atividades. Cá e lá considera-se isto um progresso. Medicalmente e cientificamente, em breve, trocar-se-ão as radiações do quadrado pelos pós, pílulas, gotas, plantas e injeções. Os lucros da indústria farmacêutica crescerão e os símbolos zodiacais enfeitarão as etiquetas douradas das doses, frascos e tubos de veneno. E, nos anúncios, poder-se-á ler: "Fórmula número tal, fabricada segundo um antigo método de Paracelso".

Quando a decadência crescer e os homens tombarem às centenas de milhares sob os golpes da realidade divina e quando suas acusações baterem em porta errada, no momento de sua última injeção, na angústia de sua alma e em perigo de morte, eles exclamarão (como o escritor holandês Multatuli): "Meu Deus, não há Deus!" Então, livres pensadores e ateus blasfemarão a existência divina e honrarão os medicastros criminosos.

Assim, na União Soviética, onde a vivissecação floresce, afasta-se a religião e é certo que a astrologia materialista lá encontrará bastante sucesso e será reconhecida como ciência natural. Ó, que furor, que desespero

rante misérial Eis a Cidade de Deus no meio de nós. Seus mensageiros batem nas câmaras de nosso coração; entretanto, comemos a nossa própria morte. O Filho do Homem está no meio de nós e estende-nos a mão; mas nós nos escandalizamos n'Ele. afundados que estamos na noite das profundezas desta Terra.

Renovamos, então, nossa pergunta: por que a Cidade de Deus, que se ilumina diante de nós, manifestando-se como um quadrado, é como um fogo devorador?

Para compreendê-lo, devemos retornar à aritmologia sagrada. O quadrado representa a totalidade da manifestação da Luz que nasceu dos corações, mãos e cabeças dos homens, em bondade, verdade e justiça. O quadrado é o símbolo da mais alta realização humana na graça divina. Eis por que, mesmo que vivais de maneira animal, ele não pode separar-se de vós. Ele vos persegue como uma sombra, vos consome como uma chama e provoca um efeito cancerígeno em vossos tecidos. O quadrado simboliza o fato de que Luz e obscuridade estão totalmente separadas. Não há, em Cristianópolis, nenhuma sombra ou perturbação. Lá reina a compreensão total e a ordem absoluta.

O quadrado mágico é apresentado como uma fonte, de onde jorram brilhantes raios luminosos, tal como uma cidade imperial. Imortalidade e positividade caracterizam-no. Eis por que esta luminosa claridade, que irradia na luz divina em infinita mistura de cores, é descrita, no Apocalipse, como uma cidade de portas de pérolas: "Seus muros eram de jaspe e a cidade era de ouro puro, tão claro quanto o cristal".

Sim, ainda que a aflição nos consuma lentamente, experimenta-se, contudo, uma grande alegria ao ver a Escola de Mistérios manifestar-se *na* decadência humana, como um reflexo da Cidade de Deus e *por meio* desta decadência.

Neste mundo, tudo se adquire com dinheiro; para satisfazer as paixões inferiores do sexo, não se recua diante do assassínio. Por treino intelectual, obtém-se uma cátedra de ensino. Pela força física, vence-se toda a oposição. Mas as portas de Cristianópolis permanecerão hermeticamente fechadas, até que compreendais que cada ser humano é inflamado pelo Espírito de Deus e que queirais morrer em Cristo, a fim de trazer à porta oriental, renascidos pelo Espírito Santo, todos os vossos poderes latentes. Eis por que está escrito *que os lados da cidade medem setecentos pés*.

Não pode haver vitória sem renascimento no Espírito Santo, sem triunfo do Espírito sobre a matéria. Eis por que todo o neófito é submetido a um triplo exame, antes de ser admitido na Escola de Mistérios. Ele é tocado pelos três raios do quadrado. Nesta purificação, ele perece ou ressuscita do fogo, tal como a fênix dos mistérios egípcios.

Sabe-se, na Escola de Mistérios, que todo o homem é tocado três vezes pelos raios do mesmo quadrado. Em todas as circunstâncias e em todas as situações da vida, sois experimentado três vezes, a fim de realizar, em vosso ser, uma separação entre Luz e trevas. Após a terceira prova, o resultado deve demonstrar-se por uma ascensão ou uma queda. Eis por que o Cristo diz: "Em verdade, em verdade vos digo: eu vim para a queda ou

para a ressurreição de muitos”.

Assim, no quadrado de setecentos pés de lado, os valores cabalísticos da Luz unem-se aos do triunfo sobre a matéria. O setenário sagrado é representado por duas colunas, as dos antigos mistérios, Boaz e Jakin, as duas colunas dos templos maçônicos, representadas, entre nós, pelas duas luzes sob a Rosacruz.

Este nobre símbolo explica-nos que ninguém pode pôr o pé sobre o caminho da realização sem o conhecimento da lei da dualidade cósmica, sem uma harmonia entre as polaridades positiva e negativa, em todos os domínios da matéria e do espírito.

Essas duas colunas da Casa de Deus demonstram-nos que nada, neste mundo, pode realizar-se sem uma cooperação santificada e absoluta entre o homem e a mulher. Elas nos explicam porque todas as faltas cometidas contra esta lei do Santo Espírito não podem ser perdoadas, pois sem ter cumprido a exigência da lei, é impossível galgar essas duas colunas até a perfeição e a manifestação da Luz, na qual não existe nenhuma sombra ou perturbação.

“E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. Quando Deus criou o Homem, Ele o fez à semelhança de Deus, macho e fêmea os criou; e os abençoou e os chamou pelo nome Homem no dia em que eles foram criados.”

Deus erigiu duas colunas na sua criação terrestre, duas centelhas de fogo, polarizadas de maneira inversa, uma em função da outra, em todos os domínios da matéria e do Espírito, a fim de que, ligando-se uma à outra para a realização divina, elas sejam dignas do nome

Homem. E eis que as duas colunas surgem como duas torres, unindo-se na Rosacruz.

A porta oriental abre-se e a voz Daquele que nos conhece a todos diz: "Bem aventurados aqueles que lavam suas vestiduras para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e Último, o Princípio e o Fim, a brilhante Estrela da Manhã".

Essa brilhante Estrela da Manhã eleva-se, em nossos dias, acima do horizonte da vida degenerada. Quando a Luz dessa força divina expulsa as brumas, vemos a ordem teocrática descer neste mundo, tal como um quadrado mágico, enviando seus raios para todos os lados, como relâmpagos.

As tensões tornam-se insuportáveis e os nervos consomem-se nessa pesada atmosfera. O número de suicídios cresce e, por suas orgias, os demônios descarregam, sobre nós, os miasmas de seus pecados. E nós, num estridente apelo, pedimos ar e luz. No entanto, a Luz está lá! Vede-a, pois! A Luz está lá! Ela esforça-se para impelir a obscuridade a desabar sobre si mesma. É a tempestade de Deus que levanta, em furacão, a poeira sufocante. Despertai de vossas psicoses e reconhecei o apelo que ressoa através do mundo, que se dirige ao vosso mais elevado nível humano.

"Quando Deus criou o homem, Ele o fez à semelhança de Deus, macho e fêmea e os abençoou e os chamou pelo nome Homem, no dia em que eles foram criados." E aquele que é o Primeiro e o Último, a brilhante Estrela da Manhã, vem, por seu quadrado mágico, despertar-vos para a vossa tarefa, desejada por Deus.

Podeis executá-la pela força sétupla do Espírito Santo, que quer inflamar-vos.

Não sabeis que está escrito na Bíblia: "Era a sexta hora e as trevas cobriram a Terra inteira até a nona hora. O Sol se obscureceu e o véu do templo rasgou-se pelo meio"?

Nesta obscuridade, o Filho do Homem constituiu seu espírito prisioneiro da Terra. Crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos. Mas, no terceiro dia, ressuscitou dentre os mortos. Lá, onde a Luz desta força divina expulsa as brumas, vemos a tumba aberta.

Eis por que, amigos da Rosacruz, sede homens novos. Quebrai todos os vínculos com o passado, que vos mantém sempre fora da realidade.

*Pois tu, ó Senhor, salvaste minha alma da morte,
meus olhos das lágrimas e meus pés do obstáculo.
Andarei diante da Face do Senhor,
no País dos Vivos.*

*Cumprirei as promessas do Senhor,
na presença de todo o Seu povo,
nos adros da Casa do Senhor.
No meio de Ti, ó Jerusalém! Aleluia!*

VII

A CIDADE DOS MISTÉRIOS (I)

Tendo penetrado na Cidade dos Mistérios, descobrimos por que esta cidadela de bondade, verdade e justiça está edificada em forma de quadrado e por que seus lados medem setecentos pés. Ela é a antítese da realidade de vida deformada e deve, pois, por essência, ser pedra de tropeço, um fogo divino que espalha, sobre vós, seus raios, sua força abrasadora; raios dos quais não podeis escapar, que vos tocam para uma ressurreição ou para uma queda, visto que provém da força do Espírito Santo, que só pode reconstituir ou demolir.

A Cidade dos Mistérios não tem nada de conto ou de lenda, nem de segredo obscuro, nem de um excitante idílio oculto, mas é uma dura, muito dura realidade que, como um relâmpago, penetra este mundo, para a salvação da humanidade. Levados por este evangelho de fogo, entramos, pela primeira vez, na Cristianópolis e percebemos que a cidade é bem fortificada por quatro torres e uma muralha; que ela é, conseqüentemente, orientada na direção dos quatro pontos cardeais da Terra. Oito outras muito sólidas torres, distribuídas pela cidade, aumentam seu poderio. Que lá se encontram, ainda,

dezesseis torres, de menor importância, mas que é necessário não negligenciar. Que, em seu meio, se acha uma fortaleza quase inexpugnável.

Esta segunda descrição do aspecto mágico da cidade fornece-nos as mais amplas minúcias sobre o dinamismo e o raio de ação da Escola de Mistérios. Podemos, assim, melhor perceber as linhas de força, segundo as quais a Ordem da Rosacruz trabalha neste mundo, a fim de nele estabelecer as bases teóricas de uma nova comunidade.

Em primeiro lugar, há quatro torres ligadas entre si por uma poderosa muralha e orientadas na direção dos quatro pontos cardeais da Terra. Estas quatro torres possuem, cada uma, duas faces voltadas para o exterior, demonstrando, assim, sua relação com as oito outras torres, muito sólidas, distribuídas pela cidade; ao passo que as duas faces voltadas para o interior das quatro torres, em ligação com a dupla atividade das oito outras torres, fazem surgir as dezesseis torres menores, que não devem ser negligenciadas, pois indicam o poderio da fortaleza inexpugnável do meio.

Esforcemo-nos para compreender as indicações, aparentemente tão veladas, desta linguagem dos Mistérios. Sabeis que o grande reino da natureza é dirigido por quatro elementos básicos: a água, o fogo, o ar e a terra.

O universo procede da profundidade da *água*,
para ser consumido pelo *fogo*;
da união da água e do fogo,
vemos surgir a *atmosfera*;

e quando, desta oferenda, elevam-se as nuvens,
vemos aparecer a *terra*,
acima de todo o elogio
e, contudo, tão atormentada e danificada.

“A Terra era informe e vazia; havia trevas na superfície do abismo e o Espírito de Deus movia-se acima das águas. Deus disse: que haja luz! E houve luz. Deus viu que a luz era boa; e Deus separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia e chamou às trevas noite. E fez-se tarde e veio a manhã: o primeiro dia.

Deus disse: que haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E Deus fez a expansão e separou as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi. Deus chamou à extensão céu, e fez-se tarde e veio a manhã: o segundo dia.

Deus disse: que as águas que estão debaixo do céu se juntem num só lugar e apareça a porção seca. E assim foi. Deus chamou à porção seca terra e mares, à reunião das águas. Deus viu que isto era bom. Depois, Deus disse: que a terra produza verdura, erva portadora de semente, árvores frutíferas que dêem frutos segundo a sua espécie, e tendo neles suas sementes sobre a terra. E assim foi. E a terra produziu verdura, erva portadora de semente segundo a sua espécie, e árvores frutíferas, cujas sementes estão nelas, segundo suas espécies. Deus viu que isto era bom. E fez-se tarde e veio a manhã: o terceiro dia.

Deus disse: façamos homens à nossa imagem, conforme à nossa semelhança e que eles dominem sobre todos os reinos da natureza. E Deus criou o homem à Sua

imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. Deus abençoou-os e disse: frutificai, gerai como um espírito de fogo, enchei a Terra e sujeitai-a. E viu Deus tudo quanto tinha feito e eis que era muito bom.”

Então, vieram os homens que, deste encantamento, deste esplendor radiante fizeram uma pungente miséria; da alegria celeste, uma tristeza acabrunhante e, do agradável Jardim do Éden, um vale de sangue e lágrimas.

Então, vieram os homens que, com mãos e garras, se dilaceraram vivos.

Então, vieram os homens que se passaram a fio de espada.

Então, vieram os homens que se despedaçaram.

Então, vieram os homens que praticaram assassinato em grande escala com a ajuda da negra religião, cujos esgotos exalam, por toda a parte, a ilusão e um vapor pestilento que invade toda a Terra; com o auxílio da arte, que aprisiona tudo em seus sortilégios; e com a ajuda da ciência, a serviço da destruição geral.

Então, vieram os homens cujos sacerdotes abençoaram os assassinos, cujos artistas esculpiram as tumbas e ornaram-nas com estátuas de mármore branco, cujos intelectuais dementes foram condecorados.

Do mesmo modo que na China, os males da guerra tornaram áridos desertos territórios de milhares de quilômetros quadrados, outrora férteis e povoados, assim toda a Terra tornar-se-á selvagem e árida.

Então, vieram os homens que se traíram e se venderam. Então, vieram os homens cuja sujeira física, moral e espiritual exala insustentável fedor.

E, da Terra, sobe um clamor que rasga os céus, clamor da angústia e da intensa dor dos homens, provocadas pelos homens.

E reconhecemo-nos a nós mesmos, reencontramos nossa realidade despedaçada. Vemo-nos como Filhos de Deus, dos quais foi dito um dia: "E Deus viu o que tinha feito e viu que era muito bom".

Se compreendeis que tudo, na origem, era muito bom, descobrireis que, segundo vosso mais profundo ser, sois dotado de forças incomensuráveis. Descobrireis que é preciso despedir-se de todas as ilusões, de todos os entrelaçados demônios deste mundo de impureza; que é preciso tornar-se estranho a esta natureza pecaminosa, em todas as expressões degeneradas de sua arte, de sua ciência e de sua religião; que é preciso renascer para reencontrar Deus, nosso Criador, a fim de conhecer o plano divino para o mundo e a humanidade. Se possuídes essa nova e pura compreensão, a aspiração para realizar esse renascimento certamente despertará em vós.

E nós vos dizemos que existe um só caminho, uma só possibilidade, a qual se encontra na força de Jesus Cristo, Nosso Senhor. Somente Ele vos dá o poder de novamente tornar-vos Filhos de Deus, isto é, juntar-vos a esse grupo de homens do qual é dito: "E Deus viu que isto era muito bom".

Talvez já empreendestes tentativas para chegar à regeneração pela força de Cristo. Há muitos que empregam essa terminologia crística, mas enganando-se a si mesmos e aos outros. Se desejais encontrar a força crística, deveis sacudir o pó da impureza de vossos pés e aceitar todas as conseqüências correspondentes. Isto

parece algo dificilmente aceitável. Prefere-se deixar os demais ocuparem-se disto. Não se consegue tudo com dinheiro? Com um pouco de dedicação material, moral e espiritual não se pode obter tudo? Devemos humanizar nosso comportamento? Que devemos, pois, fazer ainda?

Despedir-vos deste mundo de impureza! Tornar-vos estranho a essa realidade degenerada! Isto não significa retirar-se, o que seria demasiado fácil! Isto significa, como o exprime Paulo, "estar *no* mundo mas não ser *deste* mundo". Ser como um testemunho flamejante e como um escândalo para muitos, e, no entanto, como verdadeiro amigo de todos.

Johann Valentin Andreae sacudiu a matéria impura de seus pés, no curso de sua viagem para Caphar Salama, para o Cordeiro divino que tira os pecados do mundo. Eis por que ele se torna motivo de escândalo e o caluniam. Eis por que o difamam ainda em nossos dias e tudo se faz para impedir a progressão do seu trabalho. Todo o neófito que se esforça por seguir suas pegadas vive as mesmas experiências e desencadeia violentos protestos.

E vós, por que protestais? Porque estais ainda atado às ilusões, acorrentado ao mundo das impurezas, do qual não quereis ainda separar-vos. Segundo a palavra da Bíblia, tendes, pois, olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis. Se bem que tendes olhos, não quereis ver; ouvidos, mas não quereis ouvir. Segundo o espírito, sois doentes. E quando observais que um neófito se desligou da realidade despedaçada, o fazeis com grande indignação.

Mas vos dizemos que vossos protestos apenas aceleram e agravam vossos conflitos. Se não quereis elevar-vos, deveis descer. Que compreendais os estragos quase

irreparáveis que, desta maneira, ocasionais em vossa vida, tal é nosso mais caro desejo e o objeto de nossa ardente prece. Se possuídes algum discernimento, compreenderéis, mais rapidamente, quem é vosso amigo e quem é vosso inimigo.

Ouvistes falar de uma igreja *militante*, enfileirada, em ordem de batalha, neste mundo? Vós aqui sois chamados para pertencer, um dia, à igreja *trionfante* da Loja do Alto.

Se responderdes a este apelo da maneira indicada, vereis, então, a cidade fortificada por uma muralha e quatro torres voltadas na direção dos quatro pontos cardeais da Terra. Isto significa que a Escola de Mistérios cumpriu seu trabalho regenerador em total correspondência com os quatro elementos fundamentais do grande reino natural: a água, o ar, o fogo e a terra. A partir dessas quatro altas torres, a Escola de Mistérios deve, como os Quatro Senhores do Destino, recriar a Terra selvagem e vazia em bondade, verdade e justiça.

Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo, se não renascerdes da água e do Espírito, não entrareis no Reino dos Céus".

E Deus disse: "Que haja luz, e houve luz". A serviço daquele que está acima de todos os tempos, os irmãos da Cidade de Mistérios irradiam, neste mundo, a luz crística que toma forma neles. Eis por que eles podem separar a Luz da obscuridade.

Ninguém acende uma vela para colocá-la debaixo do alqueire; coloca-a acima, de tal sorte que ela possa cumprir sua tarefa, como diz o Sermão do Monte. Conduzidos por essa lei, os irmãos da Luz irradiam-na chamando-a

“dia” e denominando as trevas “noite”. “E fez-se tarde e veio a manhã: o primeiro dia.”

E Deus disse: “Que haja uma expansão no meio das águas e que haja separação entre águas e águas”. Sustentada por esta ordem, a luz desce, como um relâmpago, para fender e separar as águas deste mar vermelho de sangue. A luz celeste da verdade torna-se o fogo da ação. Assim, a ardente centelha divina, Espírito de seu Espírito, imerge-se voluntariamente na água, para que surja, de sua ligação com a água, como numa epopéia canceriana de gestação e parto eternos, um novo firmamento. E assim foi, e Deus chamou o firmamento “céu”. E fez-se tarde e veio a manhã: o segundo dia.

A Escola de Mistérios trabalha, desta maneira, a partir de suas quatro torres brancas, segundo a ordem divina. É assim que ela irradia sua luz branca. É assim que ela vos atinge com seu espírito de fogo, para separar o que se volta para o Alto e o que é das trevas. É assim que, nesta luta violenta, ela desperta, em vós, um novo firmamento, segundo as leis do elemento ar. Um novo céu começa a manifestar-se em vosso microcosmo*. O segundo dia já se levantou em vossa vida? Então podeis ir para o terceiro dia.

E Deus disse: “Que as águas que estão debaixo do céu se juntem num só lugar e apareça a porção seca terra. E assim foi. E Deus chamou à porção seca terra. E viu que isto era bom”. A Escola de Mistérios esforça-se, a partir de sua influência sobre vós, através do vosso firmamento microcósmino, da nuvem de vossa alma, da vossa realidade de vida, para criar a nova terra, para formar uma nova personalidade pura.

E Deus disse: "Que a terra se adorne de verdura, flores, plantas, e frutos". E assim foi. Como homem novo, tendes de abrir caminho para novas obras, criando uma nova ordem no caos de vossa impureza. E assim fez-se tarde, e veio a manhã: o terceiro dia.

Nesta fase, as quatro torres unem-se, ligadas por poderosa muralha, num luminoso pilar de força. E Deus disse: "Que haja luminárias na expansão do céu, para separar o dia da noite". Nas nuvens da alma do neófito começam a desenhar-se linhas de força. Uma luz superior, uma consciência superior desenvolve-se e pode ser reconhecida face a face. O que, anteriormente, era razão obscura torna-se clara compreensão. E Deus viu que isto era bom. "E fez-se tarde e veio a manhã: o quarto dia."

A alegria radiante da nova criação manifesta-se no quinto dia. A onda de vida animal, de acordo com sua missão, é, de novo, confiada à guarda da nova humanidade que, no sexto dia, desperta com um grito de alegria do novo céu e da nova terra.

"Façamos homens segundo nossa imagem e semelhança e que eles dominem sobre o reino animal. E Deus criou o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea

Este ensinamento divino é tão profundo, tão vasto, que, mesmo agora, não podemos chegar a uma visão ao menos satisfatória. Estamos expostos à Luz das quatro torres da Escola de Mistérios. Elas nos conduzem, na força crística, para uma recriação absoluta, a fim de que sejamos novamente religados ao plano divino e tornemos a ser, enfim, Filhos de Deus.

"E Deus viu tudo quanto tinha feito, e eis que era

muito bom. Assim, fez-se tarde e veio a manhã: o sexto dia.”

Nós vos propomos, como uma visão de sonho, esta antiga e, no entanto, nova história da criação, como um bálsamo de Gilead, como um bálsamo de ajuda e de consolação. Mas sabeis que este sonho deve tornar-se realidade.

Sabeis que as quatro torres da ordem da natureza estão sustentadas por oito outras possantes torres, que simbolizam a força da justiça, o impulso dos acontecimentos cósmicos, aos quais ninguém pode se opor.

E há ainda dezesseis torres de menor importância, que não devem ser negligenciadas, pois da destruição e da aniquilação da impureza surge o trabalho cumprido e a vitória, tornados possíveis pela força do leão, pela fortaleza inexpugnável do meio.

“Assim foram criados a terra e os céus. E Deus repousou no sétimo dia.”

*Trabalhai tanto tempo quanto dure o dia.
Rompei com o mundo das impurezas.
Outrora éreis trevas,
mas agora sois Luz no Senhor.
Caminhai como Filhos da Luz,
pois o fruto do Espírito está somente
na bondade, na verdade e na justiça.*

VIII

A CIDADE DOS MISTÉRIOS

No momento em que transpomos um novo passo na Cidade dos Mistérios, lemos:

As construções estão divididas em duas fileiras ou, se considerarmos a sede do governo e os entrepostos, em quatro fileiras. Existe somente uma rua pública e apenas uma praça de mercado, mas são de grande importância. A partir da rua mais interna, cuja largura é de vinte pés, e indo na direção do centro, a fileira de casas, os jardins, a universidade e a praça têm, sucessivamente, vinte e cinco, trinta, trinta e cinco, quarenta e quarenta e cinco pés de largura; portanto, cinco pés a mais cada vez, até o templo circular, no centro, que tem um diâmetro de cem pés. Partindo da rua mais interna para o exterior, vinte pés separam, entre si, os espaços intermediários, os entrepostos e a fileira de casas. A muralha mede vinte e cinco pés.

Quando nos é permitido contemplar a Cidade Santa dos rosacruz, num encantamento dos sentidos, assimilá-la, olhar após olhar, em nossa consciência, dirigimo-nos, novamente, para a alta montanha do saber interior. Juntas as mãos e dobrados os joelhos, vemos aparecerem as formas sagradas de Cristianópolis, no campo de

observação do firmamento microcósmico*, formadas, em nós, pelo milagre divino da criação.

É possível que, no vosso campo de observação essa esfera celeste esteja, ainda, muito obscurecida, o que entrava vossos esforços para compreender os sinais e maravilhas do plano universal divino para o mundo e a humanidade. Mas, um dia, estai certo disso, ela se estenderá, qual um campo azulado e transparente, onde tudo se iluminará, no resplandecente amor de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Eis que se elevam as vinte e oito torres que já pudemos contemplar atentamente, por ocasião de nossa última visita à Cidade dos Mistérios. E, ao badalar argentino dos sinos cantando louvores ao Senhor, vemos cidadãos e cidadãs privilegiados caminharem nesta única rua pública que Cristianópolis possui.

Uma pequena cidade bem simples, não é? Uma só via pública, guarnecida de casas. Mortalmente tedioso! Pois, salvo alguns ínfimos matizes, estas fileiras de casas são todas parecidas. Não há nem armazéns nem lojas de mercadorias selecionadas e brilhantes nas vitrinas. Tudo o que os cidadãos necessitam deve ser procurado na única praça do mercado da cidade.

A única rua, de vinte pés de largura, descreve um quadrado que se assemelha a uma pequena praça, onde os anciãos se reagrupam. Imaginai que lá deveríamos terminar nossos dias! E, ademais, atrás de uma muralha de vinte e cinco pés! Cedo careceríamos de ar e reclamaríamos do espaço! Entretanto, as palavras clássicas “desgraça a quem toma as vestes da Thora pela própria Thora” ressoam fortemente, há muito tempo. Deus conhece nosso coração. Conhece nossa inclinação, nossa realidade, e não

se além à aparência. Por Ele nós somos impelidos a “ver o interior”, e a destruir todas as ilusões.

Aprendeí conosco que não se pode colocar vinho novo em odres velhos, que nenhuma verdade absoluta pode manifestar-se, claramente, numa realidade destroçada, numa ordem de natureza degradada, num mundo de homens pecadores.

Se a verdade quer aproximar-se de vós, abrir caminho até vós, ela deve revestir-se de forma humana, aproximar-se de vós nas vibrações da terceira dimensão, que tanto danificastes. Conseqüentemente, ela está sempre velada. A verdade vem residir, entre nós, por intermédio de Cristo, que assume a condição humana até a morte, sim, até a morte, na cruz, introduzindo a força da verdade em nossa decadência.

O Deus de verdade aparece a vós como uma série de palavras, a propósito das quais disputais incessantemente, pois ainda sois da Terra, e percebeis apenas a letra e não a força. O Deus de verdade aparece a vós como um homem certamente bom, como um instrutor, um profeta; como um homem excepcional, um instrutor de envergadura mundial, como o Cristo dos teósofos, cuja palavra é confrontada com a de outros, pois se é, ainda, da Terra.

O Deus de verdade aparece como o filho de um povo execrado, como um judeu, que se condena e persegue por toda a Terra. O Deus de verdade apresenta-se a vós, ora como um tédio mortal, que se repete, ora como a ocasião de reforçar vossas blasfêmias. O Deus de verdade aparece, também, na Escola da Rosacruz, onde, com a boca cheia de palavras desprovidas de força, tagarela-se a respeito de Cristo, não se querendo descobrir que, na

ordem deste mundo decaído, nossa razão obscurecida coloca-se entre Ele e nós, Ele, que está acima de todos os tempos.

A verdade não nos solta mais; ela persegue-nos, como uma sombra, de segundo a segundo, de dia como de noite, até que imploremos por paz. A verdade aparece-nos em forma de palavras, mas não pode ser descoberta com palavras. Ela aparece-vos sob forma humana e dizeis: "É um louco!" Começais a compreender a verdade, quando alguma coisa do novo homem cresce em vós. Então, percebeis através de véus e ilusões. Então, vedes, entendeis e compreendeis de outro modo.

Quando o neófito olha no campo de observação de sua esfera celeste microcós mica, ele não vê as coisas sob uma perspectiva tridimensional, alegradas por diversas cores e luzes, mas é do interior que ele as contempla. A Cidade dos Mistérios é, para ele, uma fórmula matemática, um princípio-chave mágico. E a forma sob a qual esta fórmula lhe é transmitida, explica-lhe, um pouco, sua intenção.

A forma de Cristianópolis indica uma nova comunidade, uma nova ordem humana, que, trazida pelos homens, deve ser criada na graça divina. Quando o Cristo aparece no homem-Jesus, sabemos que ele deve tomar forma, nos homens, pela realização de sua lei, em bondade, verdade e justiça. Eis por que empreendemos a tarefa que nos é pedida de maneira totalmente diferente, sem a ajuda do método intelectual, que promete, vãmente, mundos e fundos.

Não há, na cidade crística, senão uma rua, que sabemos ter a largura de vinte pés. Este dado ensina, ao estudante esotérico, que os habitantes estão desligados da

ilusão e restabeleceram o contato com o plano universal divino. Os antigos cabalistas falavam do vigésimo caminho da sabedoria original, sobre o qual as sombras do materialismo não podiam mais ter influência.

Deveis considerar que Cristo veio para ligar-vos a essa sabedoria original. Na base do universo inteiro encontra-se um poderoso plano de desenvolvimento, onde, cada cabeça, cada coração, cada onda de vida tem sua tarefa a cumprir. Eis por que o Logos* irradia, em vossa direção, uma parte deste plano de desenvolvimento, a fim de que ele seja reconhecido e que possais realizá-lo. Tal é a tarefa fundamental que o homem deve cumprir! É para isto que ele é chamado. Mas, tendo-se desviado de sua missão, ele escolheu uma realização de vida que tem feito de nosso mundo um matadouro e uma esterqueira nauseabunda.

Trata-se, pois, em primeiríssimo lugar, de ligar-vos a essa sabedoria original, a esse plano divino, de reconciliar-vos com Ele, para que, em seguida, segundo vossa própria missão, possais realizá-lo, segundo a ordem divina. Johann Valentin Andreae indica como podeis chegar a essa rua única da cidade crística e progredir até o coração do Santuário.

Para poder penetrar até lá, deveis transpor a muralha de vinte e cinco pés, os entrepostos, a fileira exterior das habitações e os espaços intermediários, de vinte pés de largura cada um. Deveis, portanto, percorrer, até a fileira mais interna de casas, uma distância de cento e vinte e cinco pés, dividida em seis etapas.

Podeis vencer a muralha de vinte e cinco pés na torça do Espírito Santo, isto é, na força que dá forma à idéia divina. Mesmo que a idéia divina esteja limitada, obscure-

cida, danificada, pela marca do pecado, logo que o homem se esforça, em verdade, com o dom de todos os seus poderes restritos, em dar forma à idéia divina, ele libera, em si, a força oculta do Espírito Santo, pela qual ele se incorpora a Cristo. O valor de vossa aspiração, neste domínio, a medida do desligamento das ilusões e das tendências anticristicas, determinam a rapidez com a qual vereis desaparecer a muralha da Cidade dos Mistérios.

Quando, na Escola da Rosacruz, fulminamos o humanitarismo, em todos os seus aspectos, incriminamos, assim, as tentativas desesperadas de milhares de seres que demonstram possuir amor e estão totalmente prontos à oferta, que se dão, de todo o seu ser, à ação, o que faz crescer, de hora em hora, suas qualidades de almas. Mas, contudo, eles obtêm resultados desencorajadores, totalmente inúteis, porque não conhecem o Cristo, realmente, sem véus: o Cristo que pode, só Ele, colocá-los em estado de tornarem-se Filhos de Deus. Eis por que o número dos que conseguiram transpor a muralha de vinte e cinco pés é desesperadamente pequeno, ao passo que os instrumentos disponíveis são muito abundantes.

Transposto o muro, cinco estados de desenvolvimentos, cinco postos de controle esperam o neófito. Quando ele mesmo carrega a cruz até o outro lado da muralha, grava, depois, pelo fogo, em seu ser, o pentagrama, a estrela que brilha atrás da Rosacruz. A obra do Espírito Santo perpetua-se em cinco maravilhas mágicas, que se manifestam nos cinco primeiros degraus da Escola de Mistérios, onde a verdadeira livre-maçonaria, a arte real da arquitetura, deve manifestar-se e ser exercida, segundo seu primeiro aspecto.

Não confundais, jamais, a posse de qualidades de alma, de qualidades de caráter, com este corpo da alma gerado do togo e pelo fogo. As primeiras são o resultado da luta diante da muralha; este último nasce da ascensão da montanha de chamas, do fogo da purificação, atrás das muralhas de Cristianópolis.

Os que galgaram esta montanha da purificação subiram os seis degraus. Eles se alçaram, como Cristão Rosacruz, com a ajuda da sexta corda, para fora do poço da mortificação. Caminham na única rua da Cidade dos Mistérios, claramente ligados ao plano divino "à sombra de Tuas Asas, ó Jeová!"

Mas, caminhar na Luz como Ele na Luz está, não é a realização do plano divino. Quando os maçons e seus companheiros avançarem na arte real da construção, a ponto de a comunidade teocrática começar a manifestar-se claramente; quando a humanidade estiver, de novo, ligada ao plano divino e a besta se encontrar acorrentada no abismo, eles deverão continuar a cumprir a tarefa que as novas fundações inabaláveis tornaram possível, fundações que se renovam sempre em si mesmas.

Pois há um lugar do mercado onde os que podem avançar, na rua única, recebem tudo o que é necessário à conservação de seu estado espiritual gerado pelo fogo.

Eis por que o caminho se abre, agora, até o centro do santuário. E, novamente, apresentam-se cinco fases de trabalho, cinco degraus de desenvolvimento, respectivamente, de vinte e cinco, trinta, trinta e cinco, quarenta e quarenta e cinco pés de largura, crescendo, pois, sempre, de cinco pés, até o templo circular do meio, que tem um diâmetro de cem pés.

Pela força mágica do pentagrama obtido, o irmão põe, inicialmente, o pé sobre o vigésimo quinto caminho, não como um homem chamado, mas como um apóstolo chamado. Ele começa seu trabalho com a água viva crística que, em suas mãos, adquire um todo outro poder.

Ele coloca, em seguida, o pé sobre o trigésimo caminho, onde une a água e o fogo. Sobre o trigésimo quinto caminho, ele cria um novo campo de trabalho. Sobre o quadragésimo caminho, ele acende uma nova luz, ao passo que, sobre o quadragésimo quinto caminho, ele irradia um dinamismo prodigioso. Que aquele que tem ouvidos para ouvir, compreenda isto.

É o trabalho dos Senhores da Compaixão, dos irmãos maiores da Rosacruz, hierarquia humana dos irmãos do Templo da Luz que, por sua quántupla oblação, no interior de Cristianópolis, vos permitem traçar, na força de Cristo, o pentagrama inferior.

O pentagrama possui portanto, dois aspectos. Sem o superior, o aspecto inferior não pode ser realizado. Deveis emudecer de reconhecimento para com Cristo e Seus santos servidores, que oferecem esse sacrifício de amor para vós.

Eis que os que marcham sobre o quadragésimo quinto caminho chegam diante das portas do templo circular do meio. Lá abrem-se as portas eternas e, como um vendaval, espalham-se os cânticos, a música de Cristianópolis:

Vós que estais sedentos, vinde às fontes.

E vós, que não tendes dinheiro,

vinde, comprai e comei.

Sim, vinde, comprai sem dinheiro,

*tomai gratuitamente, o vinho e o leite.
Porque contaís vosso dinheiro
para o que não alimenta,
e vosso trabalho para o que não pode saciar?*

*Consolai, consolai meu povo.
Uma voz grita: preparai, no deserto,
o caminho do Senhor.
Aplanai, nos lugares áridos,
um caminho para nosso Deus.*

*Tu, anunciador da Boa Nova,
galga a alta montanha,
ó tu, Jerusalém,
eleva a tua voz com poder.
Eis aqui teu Deus!*

IX

A ARQUITETURA MÁGICA

Os milhões de habitantes do nosso país⁽¹⁾ são, no conjunto, muito individualistas: cada um tem, sob múltiplas formas, consciência de sua existência, e constitui um estado dentro do Estado. Cada um, num domínio particular e bem delimitado, tem consciência de representar uma autoridade, à qual não é bom opor-se. O desejo de manter-se incita muitos de nós a permanecer nervosamente alertas, sempre retesados e prontos a agredir.

O espectador objetivo será, sobretudo, tocado pelo fato de que a massa que desfila nas ruas está, continuamente, em estado de desconfiança. As pessoas se encaram para ver como uma reage à autoridade da outra. Um olhar muito perscrutador e ouvireis o outro perguntar: "Que quereis de mim?" Se isso não é expresso, é pelo menos, pensado.

Estamos certos de que estais muito consciente deste

(1) Os Países-Baixos; as conferências reproduzidas aqui estavam destinadas a um auditório holandês. Admitindo-se, entretanto, as diferenças nacionais, pode-se observar que as propriedades descritas apresentam-se em cada povo.

estado de coisas, pois sois muito individualista. Não podeis suportar que alguém caminhe atrás de vós; as vibrações de um incomodam o outro. O outro viola o vosso reino e amedrontado, acelerais o passo ou, segundo vosso temperamento, deixais vosso perseguidor ultrapassar-vos e pagais na mesma moeda. Salvar vossa autoridade, vossa individualidade, o reino que é vosso, eis vossa vida, vosso sofrimento, vosso desgosto.

Os limites que estabelecestes são muito transparentes; eis por que vos sentis intranquilo quando um outro ali lança um olhar e vos tornais nervosos, reagindo segundo vossa natureza. Senti-vos descoberto, levantais a cabeça, desdenhosamente, ou tomais uma atitude agressiva.

Todos os homens cultivam, assim, cuidadosamente, seu domínio individual. O limite do "espaço vital" causa-lhes apreensão, o que provoca graves crises. Quereis mais espaço vital. Cria-se um grande caos no mundo tridimensional. Vós não desejais outro tanto, mas quereis mais. E, quando obtendes mais, a angústia e a insegurança vos oprimem. Continuais a gritar ou a pensar: "Que quereis de mim?" Pois que, em torno de vós, refletidas no outro, vedes as mesmas tendências, as mesmas paixões, que as engendradas por vosso instinto natural.

Civilizado ou campônio, grosseiro ou refinado, polido ou insolente, cada um se bate, segundo suas tendências, por mais espaço vital, possuído por esta febre de individualismo, que é do diabo. Esse lamentável estado não se exprime somente no domínio material, mas repercute em efeitos psíquicos, criando assim, um esquema cultural determinado, de cores próprias, que possui certa bele-

za, certa distinção, um refinamento, graças aos quais tem-se a impressão de que o deserto está semeado de oásis. Se não fosse assim, veríeis, mais rapidamente, a que impasse conduzis vossa vida. Drogando-se assim, o homem tenta esquecer, por um instante, suas angústias e suas batalhas, às quais ele, entretanto, se agarra, às quais cultiva e chama "progresso".

Uma das manifestações culturais típicas dos Países-Baixos é sua arquitetura. Aí também se exprime a individualidade. Os holandeses são mais cuidadosos no que concerne à sua residência, se bem que, no plano das construções imponentes, os países ocidentais igualam-se, sem dúvida. Nossos arquitetos são artistas. Eles sabem dar aos bairros residenciais um atrativo particular e não está longe o tempo em que não haverá mais holandeses habitando bairros inferiores.

Um traço de caráter típico do povo holandês é o cuidado que ele tem com sua casa. Ela representa um elemento importante em sua vida, e isto desde séculos. Eis por que a arquitetura holandesa é conhecida, sobretudo, por suas residências, e não somente por suas igrejas, palácios e outros monumentos, cujos belos exemplares podem ser vistos em todo o país. Logo que o caráter muito individualista de um povo pode manifestar-se, sem entraves, uma arquitetura nacional aparece.

Quando esse caráter é violado, suas expressões culturais esfumam-se. Segundo nossa opinião, o aspecto desolador das construções do último século é o fruto da dominação francesa do tempo de Napoleão, que danificou o caráter próprio do povo holandês e da qual este não pôde refazer-se senão lentamente. E a nova e atual arte da

arquitetura testemunha que as bases particulares de seu desenvolvimento natural foram reencontradas e que certos obstáculos foram suprimidos.

Mostramo-vos uma lei esotérica fundamental: toda a expressão artística pela qual um povo se distingue é limitada pelas características étnicas de onde ela provém; triunfa e perece com elas. O desejo de possuir sua própria casa, embelezá-la, decorá-la, arrumá-la e adaptá-la a certos cânones de beleza estabelecidos, conseqüência da alma popular muito individualizada do holandês, é, ao mesmo tempo, seu julgamento, pois isto fez nascer arquitetos, possuindo, exageradamente, este traço de caráter. Do mesmo modo, em razão de seus problemas específicos, este território fez nascer excelentes especialistas em hidráulica, verdadeiros castores humanos, que tornaram a vida possível, sobre um território literalmente invadido pela água.

Queremos, somente, dizer com isto que todo o artista, todo o homem que se esmera numa disciplina material, é o produto do caráter popular, dele é uma prova. A arte, a ciência e a religião da *intelligentsia* refletem, exatamente, a maldade, a agressividade, a degenerescência ou a excelência de um dado povo, o seu grau de cultura. Elas refletem seu caráter.

Esta mesma lei explica-nos, por exemplo, por que a Alemanha produziu tantos filósofos e compositores. Toda a filosofia materialista e especulativa da escola alemã provém da tendência dessa nação de desejar ser mais sábia que qualquer outra nação. Toda a verdadeira música nasce de uma consciência religiosa; e a alma popular alemã é, sem contestação, religiosa. Quando a religião se imiscui na emoção, bem como o materialismo, a ingenuidade e o

egoísmo, aparece uma música bastarda, uma onda de sonoridades sem conteúdo, que não pode senão ensurdecer.

Muito religioso também, o povo holandês deveria, pois, ter produzido muitas obras no domínio musical; mas, em razão de seu individualismo muito pronunciado, quase nada produziu nesta modalidade de expressão. Sua natureza religiosa tem-se manifestado em múltiplas confissões, de sorte que uma grande dissonância nasceu no campo intermediário que nos traz as vibrações da esfera dos sons.

A mesma coisa pode ser dita do pensador holandês. Grandes valores e tesouros raros permanecem, às vezes, escondidos, em virtude de um comportamento ininteligente e falível. Voltemo-nos, agora, para o conceito de "arquitetura mágica" deixando-nos guiar pelas indicações que Johann Valentin Andreae dá, em *Cristianópolis*. Lemos: *Todas as construções possuem três andares, ligados por escadas comuns. São feitas de tijolo e separadas umas das outras por uma parede incombustível, de tal sorte que um incêndio não possa provocar graves danos.*

Seria desejável à luz de nossa narrativa anterior - compreender que é um erro supor que os bens culturais que veiculam a arte, a ciência e a religião são, intrinsecamente, e de maneira absoluta, belos, verdadeiros e imperecíveis. Esta suposição é uma mistificação. Nosso mundo tem naufragado numa grande dissonância. A humanidade, que vive de modo totalmente errôneo, adota linhas de conduta aberrantes. Eis por que a *intelligentsia* deve manifestar claramente todas as características de uma nação. Toda a tristeza, todo o ódio, toda a mentira, toda a calúnia, toda a intensa maldade, assim como todo o desejo

de libertação e toda a aspiração pela salvação, que disso decorrem, impregnam os grupos dirigentes e dominantes.

Eis por que afirmamos - mesmo que deveis, por isso, chamar-nos de loucos - que um avião, por exemplo, não pode, de modo algum, atingir a última perfeição, como muitos imaginam e pensam; mas que essa máquina é, apenas, uma sombra, uma materialização deformada, o resultado de um desejo de libertação cristalizado, que deixa, portanto, atrás de si, um traço de sofrimento e de sangue, como acontece com toda a nossa técnica, tendo em vista sua natureza.

A arquitetura, em sua beleza intrínseca, não é senão uma ilusão, uma intensa tristeza, uma nostalgia de outra qualquer coisa, que é inatingível.

Conheceis a lenda do imperador e do arquiteto? Um imperador vê, em sonho, uma cidade maravilhosamente bela. Ele encontra um arquiteto, artista de sangue, e comunica-lhe seu sonho e seu desejo de construir tal cidade.

O arquiteto põe-se a trabalhar. Sob sua autoridade, as construções mais possantes e esplêndidas elevam-se. Sem cessar, ele recomeça sua obra e cidades de basalto, de mármore, de vidro, de pedras coloridas, guarnecidas de pontes e de terraços, surgem... Mas, cada vez, é uma grande decepção.

E a Cidade Celeste aparece novamente ao imperador, numa exaltação dos sentidos. Pela última vez, ele incita o arquiteto a superar-se. Então, ergue-se uma torre, cujas cores e execução revelam diretrizes celestes; porém, sempre segundo as relações tridimensionais decaídas.

Mas o julgamento chega e o fogo celeste desce. A ilu-

são quebra-se em pedaços e o sangue do arquiteto tinge as ruínas de um reflexo vermelho. Numa última imagem, vemos o imperador, suplicante, joelhos dobrados e mãos erguidas para a Cidade Celeste, que lhe aparece, numa terceira visão.

Compreendei-o, o reino de Deus não é deste mundo. Beleza, bondade, verdade e justiça não podem ser estabelecidas nesta decadência. E lá, onde vos parece que as contrastes, descobris uma ilusão, à qual vos agarrais e que se torna um obstáculo sobre o caminho, um monstro luciferiano.

Há apenas uma solução: lançar-vos, de joelhos, segundo a exigência de vossa origem imperial e sacerdotal, implorando: "Ó Deus, livra-me desta ilusão, desta paixão da matéria. Faze-me compreender a beleza do plano de Tua criação original que Tu queres ligar novamente a nós, com a ajuda de Teus santos servidores, pela graça de Cristo".

Se podeis assim ajoelhar-vos, vereis, diante de vós, o caminho de Cristianópolis. E sereis chamado para as moradas dos Mistérios, nas quais descobrirei a majestosa arquitetura mágica.

Tomemo-nos pelas mãos e subamos a escada comunitária. Não há escadas privadas para os individualistas. Mas uma escada comunitária que resplandece. Se não quereis subi-la conosco, deveis permanecer atrás.

Os degraus não são largos, segundo os critérios terrestres. A arquitetura atual é, a vossos olhos materiais, infinitamente mais bela do que as casas de três andares de Cristianópolis. Estas aqui são feitas de tijolos postos no lugar, um a um, pelos maçons, e tornados, no fogo da reno-

vação, duros como aço.

O primeiro andar tornou-se, assim, uma clara tomada de consciência de vossa origem, de vossa ascendência imperial, sacerdotal, e de vosso atual estado decaído nos pântanos do pecado.

Então, ergue-se o segundo andar por uma subida para a vida nova. Segundo a natureza, tendes uma nova personalidade que não é mais deste mundo, mas que apenas está neste mundo. Segundo o espírito, estais ligado ao plano de Deus, pela aceitação da cruz.

E, como uma coroa de vitória, toma forma o terceiro andar e ouvis a voz de vosso caminho de cruz: "Eu vos digo, estareis hoje comigo no Paraíso". Ele está em nós e nós Nele.

Se tomardes a firme decisão de erigir, com os demais, esta construção, numerosas e difíceis serão as conseqüências. Mas vossa construção será como um rochedo: inabalável, uma rocha, pedra, sobre a qual a teocracia poderá fundar-se, em segurança.

Dirigimo-nos, aqui, particularmente, aos jovens, que têm, ainda, a vida diante de si. E repetimo-lhes, caso ainda não tenham compreendido: destruí os vínculos a que fostes acorrentados desde o nascimento. Recusai entrar na acomodação desta ordem decaída. Considerai vossa vocação de Filhos de Deus. Sem dúvida, não sereis cobertos de riquezas e levareis uma vida pobre e dura, aos olhos dos habitantes da cidade de basalto, mas, sereis muito ricos, fabulosamente ricos na condição de habitantes da Cidade de Cristo.

Pede-se obreiros que tenham a coragem de rasgar as ilusões, através de misérias, dores e desgostos, no meio do

país dos bárbaros; construtores que se ponham a caminho para o porto salvador.

“Ó Deus, livra-me desta ilusão e desta paixão da matéria. Faze-me compreender a beleza do plano de Tua criação original que Tu queres ligar novamente a nós com a ajuda de Teus santos servidores, pela graça de Cristo!”

X

ALGUNS INFORMES PRECISOS SOBRE A CIDADE DOS MISTÉRIOS

Quando, na Escola de Mistérios da Rosacruz, o neófito toma contato, pela primeira vez, com o núcleo do campo de força, com Cristianópolis, e lhe é permitido estudar, minuciosamente, a ordem dessa cidade, não só alegria e reconhecimento o preenchem, mas, também, grande espanto, porque ele descobre que a Escola de Mistérios não é tanto uma comunidade de estudo, porém, antes de tudo, uma total comunidade de trabalho.

Se, de início, ele pensou ser admitido numa universidade de um gênero particular, numa escola superior de sabedoria divina, para, novamente, investido desse saber, liberar em si forças ainda ocultas, ofertando ao trabalho, na Grande Vinha, novas possibilidades, então, toda esta série de suposições errôneas vê-se severamente invalidada pela realidade. De novo, várias ilusões revelam-se vãs e ele se afasta disso com um gesto desabusado. Não sente nenhuma tristeza em abandonar o que nele é erro, pois conservou um logro tão longamente, com as melhores intenções, até mesmo com uma prece nos lábios. Todos os amigos da Rosacruz conhecem esta aflição.

Quando, há vários anos, começamos a implantar o núcleo de uma verdadeira vida espiritual nova e nos arriscamos, vacilantes, sobre o caminho, nossa aspiração era imensa, mas nossa aptidão, a base sanguínea sobre a qual iniciávamos, ainda era pobre. Portanto, tivemos que orientar-nos, neste mundo de aparência, e entender a literatura filosófica e científica, da qual, em nosso desejo imenso, estávamos impregnados, como se fora um vinho espumante, cintilante de renovação. Tomamos inumeráveis obras que deviam, como acreditávamos, transmitir-nos os mistérios ocidentais e não demos ouvidos aos risos, às chacotas sádicas de Lúcifer. Tratava-se de algumas pessoas que procuravam ainda estabelecer o núcleo de uma nova fraternidade, embora o material de trabalho já estivesse podre, até o âmago, pelas ilusões desta ordem de natureza. Não é isso um esforço perdido de antemão? Não é para morrer de rir?

Mas, se a aspiração é bastante forte e se ela irradia o amor aos homens, a Luz aparece nesta obscuridade e o riso luciferiano deve cessar. Desde o início destes anos, colocamos o Cristo no meio do nosso trabalho e pusemos, como base, sob a Rosacruz, o compendio de nossa vida: a Santa Bíblia.

Se tivéssemos considerado esse Livro Sagrado como um ornamento, se tivéssemos deixado fechados os sete selos, os servidores da ilusão teriam tido paz. Mas, desde a partida, guiados por nossa aspiração suplicante, pusemos, no meio de um grupo de interessados, regularmente crescente, uma teologia original esotérica totalmente nova, uma bíblia cujos sete selos tinham sido abertos.

Esta magia tornou-se nossa salvação. Esta Luz nos

guiou, através de aflição, dores e desgostos, para o porto salvador dos mistérios. Esta força transformou o riso luciferiano em grito de furor. Tínhamos um bom passo na dianteira de nossos adversários do campo da sombria maldição. Enquanto eles pensavam que, por falta de discernimento, nós nos serviríamos, em nossa vida, como em nosso trabalho, de uma literatura posta sob seu controle, nós começamos interiormente, pelo verdadeiro esoterismo da Bíblia, especialmente o esoterismo e a magia oculta do Evangelho de João e do Pentateuco.

Pois, sabei-o, uma teologia de leigos, elaborada sobre um fundo esotérico, é funesta para aqueles que querem manter a ordem da natureza luciferiana. Toda a teologia oficial, científica, é, desde a traição histórica de Agostinho, entregue, pés e punhos atados, à mistificação. Ela é, conseqüentemente, sem nenhum perigo para o poder do mal. A teologia atual, tão boa e pura em suas intenções quanto possa ser, não pode mais romper os vínculos. E aquele que não pode demolir também não pode construir.

Aqueles que, no início do nosso trabalho, nos ouviam sem nos conhecer, que nos classificavam, o melhor possível, como gente de classe média, sem envergadura, pensavam que tirávamos nossos ensinamentos de fontes desconhecidas ou inéditas para eles, fontes com autoridade no domínio oculto-científico. E quando nos fizemos conhecer como servidores da Rosacruz, perceberam, atrás de nossas palavras simples, o ensinamento de valores mágicos reconhecidos e nossa influência foi infinitamente maior, o que não é explicável pela atitude de nossa personalidade. Esforços desesperados foram empreendidos para acabar com essa situação. Influências vindas do exterior e

do interior tentaram destruir o Trabalho, mas em vão, pois o que nasce do Espírito Santo não pode ser destruído. Assim, foi lançado o germe de um novo campo de força que todos conheceis como sendo o Lectorium Rosicrucianum.

Essa Escola é, para muitos, uma grande aflição, pois combate suas ilusões e imposturas com uma força sempre maior. Esse combate começou com inteligência e prudência mas foi sustentado sobre uma frente sempre maior. Ora entusiastas, ora profundamente chocados, muitos não sabem mais se são amigos ou inimigos da Escola Espiritual. Desconcertados, olham-nos e perguntam-se: falam eles com verdadeiro saber ou são insensatos?

Procurais um ponto de apoio e nós vo-lo retiramos. Quando alguém quer trabalhar *neste* mundo, ainda que essencialmente, fundamentalmente, ele não seja *deste* mundo, deve obedecer até à morte e acompanhar os iludidos, a fim de poder, no momento psicológico, destruir suas quimeras. Quando alguém vos pede para caminhar com ele uma milha, ide duas. Ora, o Lectorium Rosicrucianum tem-vos acompanhado à muitos lugares e espera acrescentar muitos outros, a fim de libertar-vos de todos os vossos erros.

Fazemos cair de vossas mãos a literatura nascida da ordem natural tridimensional e fá-lo-emos sempre mais bruscamente, após um começo prudente, pois vivemos numa era de revelação e nada pode mais separar-nos da claridade que está em Jesus Cristo.

Amigos atentos saberão que, no decorrer dos anos, os obreiros da Rosacruz têm falado sempre a mesma lin-

guagem, conservado sempre o seu ponto de apoio, ou seja, a glória da cruz. Entretanto, essa glória é desconhecida da maioria dos homens e não é mesmo desejada por eles. Ela provém de uma verdade que não pode ser aprendida intelectualmente, segundo a ordem desta natureza. Eis por que esta verdade aproxima-se de vós com sete selos, sete véus, iluminada pelo amor do Logos, lançada pelo sacrifício de Cristo, nesta sombria terra de ilusão, como um germe de trigo para brilhar numa sétupla luz, numa sétupla alegria, no renascimento segundo o Espírito Santo.

Esta verdade, esta via direta para a Loja do Alto, não está, de modo nenhum, oculta. Ela é onipresente. De maneira nenhuma está reservada às escolas de mistérios e não mais se encontra nos cofres-fortes de um iniciado. Ela está perto de vós e em vós; ela vos está destinada sem nenhuma reticência. A verdade não está nos mundos superiores, mas está aqui. Ela habita no meio deste inferno, onde armas brilham à luz do sol e onde os fantasmas escumam de raiva. Ela habita no meio de nossa decadência, e eis por que é dito que o Cristo é nosso Espírito Planetário, pois Deus tanto amou o mundo que enviou Seu Filho Único, o sangue de Seu coração, para que todos os que O descobrem jamais pereçam, mas tenham a vida eterna.

Considera-se, habitualmente, que o Cristo desce sobre nossa Terra em 21 de setembro, para chegar em 25 de dezembro, ao nadir. Mas nós vos dizemos que o Príncipe Celeste vos acompanha em cada alento, em cada batida do coração, desde o início até a consumação do mundo. É Ele que protege vossa partida e vossa chegada. Eis por que Ele é nosso Espírito Planetário. Não podeis separar-vos Dele: Ele é o julgamento do amor.

Este julgamento acha-se na loucura da cruz. Loucura segundo os critérios de nossa ordem de natureza, que a julga impossível de reconhecer e de realizar. É vosso conflito. É o trabalho. Ele atíça vossa animosidade ainda que saibais que devíeis ser nosso amigo.

Neste julgamento de amor, que não confirma nossa ordem de natureza, mas que a agride, acha-se a porta da Escola de Mistérios. Isto significa luta, prova, intenso combate; mas, também, purificação, segundo os quatro elementos de vossa corporalidade.

Compreendei bem: as provas do fogo, da terra, do ar e da água, no caminho da iniciação, e o fato de se passar pelo Guardião do umbral, concernem à esfera aérea de vosso corpo mental, à esfera ígnea de vosso ser de desejo, à esfera aquosa de vosso veículo etérico e à esfera terrestre de vossa materialidade. Estes quatro elementos de vossa materialidade, nascidos e recebidos no pecado, este quádruplo soberano, este Herodes, assassinam, continuamente, o elemento luz em vós, para que desperteis nos vapores sulfurosos de Lúcifer.

Esta quadruplicidade da antiga natureza deve, portanto, perecer, para renascer em outra natureza, num estado veicular quádruplo iluminado. A cruz da morte torna-se cruz da vitória na graça crística; entráis em Cristianópolis e descobris que a Escola de Mistérios não é uma comunidade de estudo mas uma comunidade de trabalho.

Pois, enquanto não tiverdes feito experiências, sob as ameaças de morte de Herodes, o soberano quádruplo, enquanto não tiverdes desejado carregar a cruz de Belém ao Gólgota, não podereis entrar na Igreja Triunfante.

Em Cristianópolis vivem, segundo as palavras de

Johann Valentin Andreae, quatrocentos cidadãos, na paz e na piedade. Os fossos em torno da cidade estão cheios de peixes, de maneira que, mesmo em tempo de paz, eles têm sua utilidade. Nos campos e noutros caminhos não utilizados encontram-se, livres, animais selvagens, não para o prazer, mas para fins utilitários. A cidade inteira está dividida em três partes: uma, destinada a fornecer alimentação; outra, ao ensino e ao exercício e a terceira, às cerimônias. O resto da ilha serve à agricultura e à indústria. Eis aqui, em linguagem velada, o programa de trabalho da Igreja Triunfante. A nova comunidade de trabalho nasce das mãos, das cabeças e dos corações dos homens, no campo de força da nova ordem de natureza.

Cristianópolis tem quatrocentos habitantes, indicação cabalística de uma plenitude mágica. Um novo sol se eleva no horizonte, luz nova provinda da força crística nascida nos homens, novo foco na natureza da morte *nes-te* mundo, mas não *deste* mundo.

É uma cidadela no meio do país inimigo, inatacável e inexpugnável, pois que repousa sobre uma força da qual ela vive, força que venceu a morte da matéria. Eis por que é dito que a cidade é rodeada de fossos cheios de peixes, para que seus habitantes possam viver desta plenitude, tanto em época de guerra quanto em tempo de paz. Compreendei o símbolo do peixe segundo a significação evangélica, a plenitude que está em Jesus Cristo, Nosso Senhor, a plenitude do círculo que envolve a Cidade dos Mistérios.

Nos campos livres, há locais preparados para animais selvagens. Ó mudo estupor! Que faz um jardim zoológico em Cristianópolis? Divertem-se os cidadãos diante das

jaulas fétidas dos macacos e são eles seduzidos pelas deformidades e a sujeira da fauna da floresta virgem? Interessa-lhes o dorso monstruoso de um hipópotamo chafurdado, até as orelhas, na lama? Trata-se, talvez, de interesses e considerações econômicas desconhecidas? Ou, jamais se sabe, de uma certa curiosidade dos habitantes dessas regiões, que desejariam investigar certos segredos? Não seria muito rentável extrair de nossas baleias um óleo que, segundo nossos médicos, cura as crianças raquíticas? Que milagre recôndito pode residir, pois, nos hipopótamos ou nos macacos fétidos?

Ficareis decepcionados: a Escola dos Mistérios volta-se, por outras razões, para os animais selvagens, pois esta natureza selvagem provém dos elementos que degeneraram por intermédio de Lúcifer e são por isso, malsãos. Um elemento representa uma força e, quando este elemento se aproxima de outro elemento, com uma polarização positiva ou negativa, nasce a vida. A onda de vida animal é vítima deste acasalamento e revela-se, em oposição à sua missão divina, como malsã, má, como uma deformidade vergonhosa, como uma peste de natureza selvagem, reproduzida em milhões de espécimes.

Sabeis que a humanidade está ligada muito estreitamente à onda de vida animal. Até aqui, a humanidade não a tem compreendido senão de maneira lucrativa. Aprendeu a explorar essa onda de vida e tem-na exterminado, quando ela estorva seus objetivos.

Mas a Escola de Mistérios compreende a ligação entre essas duas ondas de vida de maneira completamente diferente. Impelida por intensa compaixão, volta-se para a fauna, a fim de ir em auxílio às centelhas divinas que

se manifestam nessas deformidades e horrores, para nelas combater o mal dos elementos. Este trabalho não pode ser realizado senão a partir da forma da própria revelação. Não de cima para baixo, porém de baixo para cima. Por exemplo, o desaparecimento de monstros dos tempos recuados é atribuído, unicamente, ao trabalho da Escola de Mistérios. As entidades que outrora se exprimiam assim não o podem mais agora, pois a maldade dos elementos foi atada neste domínio.

O local de trabalho geral dos hierofantes crísticos está dividido em três partes:

- uma para obter alimentação,
- uma para o ensino e o exercício,
- e uma para as cerimônias. Isto é:
 - uma parte trabalha na extração e na transformação das forças divinas cósmicas, que devem servir de matéria para a grande obra;
 - uma parte ensina e estuda o justo emprego dessas preciosas riquezas;
 - e uma parte opera na observância do grande campo de trabalho em seus diversos domínios, para que a panacéia, preparada e provada, possa ser empregada de justa maneira, para a cura do mundo e da humanidade.

Eis por que o resto da ilha, o resto do campo de força da Escola de Mistérios serve, até nas menores parcelas, à agricultura e à indústria. As charruas traçam ali seus sulcos, as foices dos ceifadores brilham ao sol e os golpes de martelo ressoam. Constrói-se um mundo totalmente novo: a ordem da natureza divina.

Perturbações e tensões do Oriente ou do Ocidente ali não suscitam interesse; não se participa mais do fascismo

nem do comunismo. Ali trava-se uma luta muito particular, *no* mundo, porém, não mais *do* mundo. Uma luta muito particular, com grande coragem e perseverança, pelo mundo e pela humanidade.

Que aquele que quer vir, venha rapidamente. Batei e abrir-se-vos-á.

GLOSSÁRIO

Para melhor compreensão sobre a terminologia empregada pela Escola da Rosacruz Áurea, figuram neste glossário as palavras que no texto foram acompanhadas de um asterisco (*). Os números entre parêntesis correspondem à página onde neste livro o termo foi mencionado.

ATOMO-CENTELHA DO ESPIRITO. Ou átomo crístico, o proto-átomo, situado no centro matemático do microcosmo e coincidindo com a parte superior do ventrículo direito do coração. Por isso, é também designado misticamente como rosa do coração.

CENTELHA DIVINA. Ver *átomo-centelha do Espírito*. (1)

ESCOLA ESPIRITUAL. É a Fraternidade Universal. Ver *Fraternidade Universal*. (20)

FRATERNIDADE UNIVERSAL. A hierarquia do divino reino imutável, que constitui o corpo vivo do Senhor. É também denominada com muitos outros nomes, como: Una Igreja Invisível de Cristo, a Hierarquia de Cristo, a Corrente Universal Gnóstica, a Gnosis. Em sua atividade em prol da humanidade decaída ela age, entre outras coisas, como a Fraternidade de Shamballa, a Escola dos Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual Hierofântica, e como tal, toma forma na Jovem Fraternidade Gnóstica.

HIEROFANTES DE CRISTO. Ver *Fraternidade Universal*. (5)

LOGOS. O Verbo criador, a fonte de todas as coisas. (89)

MICROCÓSMICO. Relativo ao microcosmo. Ver *Microcosmo*. (86)

MICROCOSMO. O homem como *minutum mundum* (pequeno mundo) é um sistema de vida muito complexo, em forma esférica, na qual se pode distinguir, do centro para a periferia: a personalidade, o campo de manifestação, o ser áurico e um sétuplo campo espiritual magnético. O verdadeiro homem é um microcosmo! O que neste mundo, porém, se denomina "homem", é apenas a personalidade gravemente mutilada de um microcosmo tremendamente degenerado. A nossa consciência atual é uma consciência-personalidade, e por conseguinte consciente apenas do campo de existência a que pertence. *O firmamento ou ser áurico (ser aural)* representa a totalidade de forças, valores e ligações resultantes das vidas das diversas manifestações-personalidade, no campo de manifestação. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, a constelação do nosso firmamento microcósmino. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com a sua natureza, determinam a qualidade do campo espiritual magnético, ou melhor dizendo, determinam a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e introduzidas no sistema microcósmino e, portanto, também na personalidade. Conseqüentemente, assim como é a natureza dessas luzes, tal é a personalidade! Para mudar a natureza da persona-

lidade é preciso antes mudar a natureza do firmamento áurico, o que só se torna possível pela oblação do ser-eu, da total demolição do eu.

O campo de manifestação (ou campo de respiração) é o campo de força direto, no interior do qual se torna possível a vida da personalidade. Ele é o campo de ligação entre o ser áurico e a personalidade, e, em seu trabalho de atração e repulsão das forças e substâncias em benefício da vida e conservação da personalidade, ele é inteiramente uno com esta última. (82)

ROSACRUZES CLÁSSICOS. Os rosacruztes que pertenciam à Escola de Valentin Andreae, manifestação da Fraternidade Universal em fins do século XVI e XVII. Valentin Andreae publicou importantes obras, entre as quais *As Bodas Alquímicas de Cristão Rosacruz*, considerada o mais importante testamento da Ordem da Rosacruz clássica, um dos luminosos pilares em que está alicerçado também o trabalho da Rosacruz Aurea. (6)

CRISTIANÓPOLIS

O caminho para a "realidade" foi sempre descrito como a descoberta de uma cidade. Seu nome é Cristianópolis e o buscador que adentra nesta cidade experimentará isso como uma volta ao lar.

No ano de 1619 foi publicado por Johann Valentin Andreae um trabalho em latim intitulado *Reipublicæ Christianopolitanæ Descriptio* (Descrição da República de Cristianópolis). Esta Cristianópolis não é nenhuma cidade morta, porém vivente, inteiramente vibrante. O peregrino que nela ingressa deverá testemunhar sua volta ao lar pelo abandono de tudo o que não pode viver nesta cidade.

Jan van Rijckenborgh mostra-nos em suas explicações o caminho mais curto para o coração de Cristianópolis.